

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO – UNESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

GINO MACHADO CALDEROLLI

**A Percepção de educadores sobre o uso das histórias em
quadrinhos na sala de aula na perspectiva da
Educomunicação**

Orientação: Prof. Dr. Laan Mendes de Barros

Bauru

2019

GINO MACHADO CALDEROLLI

**A Percepção de educadores sobre o uso das histórias em
quadrinhos na sala de aula na perspectiva da
Educomunicação**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus Bauru, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Laan Mendes de Barros.

Bauru

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Calderolli, Gino Machado.

A percepção de educadores sobre o uso das histórias em quadrinhos na sala de aula na perspectiva da Educomunicação / Gino Machado Calderolli, 2019
86 f.: il.

Orientador: Laan Mendes de Barros

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2019

I. Quadrinhos. 2. Sala de Aula. 3. Educomunicação.
II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.

GINO MACHADO CALDEROLLI

Área de concentração: Comunicação Midiática

Linha de pesquisa: Recurso Didático em Educomunicação

Banca Examinadora:

Presidente / Orientador: Prof. Dr. Laan Mendes de Barros

Instituição: Universidade Estadual Paulista- Campus de Bauru - UNESP

Titular: Prof. Dr. Waldomiro de Castro Santos Vergueiro

Instituição: Universidade de São Paulo - USP

Titular: Prof. Adj. Maximiliano Martim Vicente

Instituição: Universidade Estadual Paulista- Campus de Bauru - UNESP

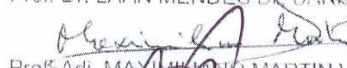
Aprovado em: 26/03/2019.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de GINO MACHADO CALDEROLLI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 26 dias do mês de março do ano de 2019, às 09:00 horas, no(a) Auditório dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. LAAN MENDES DE BARROS - Orientador(a) do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Adj. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Professor Doutor WALDOMIRO DE CASTRO SANTOS VERGUEIRO do(a) Departamento de Biblioteconomia e Documentação / UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de GINO MACHADO CALDEROLLI, intitulada **O uso das Histórias em Quadrinhos na sala de aula.** Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.



Prof. Dr. LAAN MENDES DE BARROS



Prof. Adj. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE



Professor Doutor WALDOMIRO DE CASTRO SANTOS VERGUEIRO

*Ao professor mais que orientador,
Prof. Dr. Laan Mendes de Barros,
pelos ensinamentos e confiança.*

*Ao meu pai, Manoel (in memoriam) e
especialmente à minha querida mãe
Ivany, começo de tudo, amor
incondicional e exemplo de Família.*

*Aos meus irmãos, colegas Carolina
Marielli Barreto, Alessandro Librandi
e Walter Junior que sempre me
incentivaram e à minha esposa Silvia
Helena, companheira de todos os
momentos e ao meu pequeno
Guilherme.*

RESUMO

A proposta dessa pesquisa é estudar os motivos que levam os professores a utilizarem ou não as Histórias em Quadrinhos como recurso auxiliar e estimulador no processo de aprendizagem na sala de aula. Trata-se de uma mídia cultural popular que utilizada adequadamente, pode abordar diferentes faixas etárias, níveis de ensino e diversas questões sociais, políticas, históricas, geográficas, entre outros. Num tempo em que as mídias digitais competem com a figura do professor, é fundamental valorizar este profissional que busca diferentes recursos embasados a partir de conceitos de Educomunicação a fim de trazer mais uma ferramenta auxiliadora e atrativa para os educandos passando conceitos e conteúdos da grade curricular.

Palavras-chave: Quadrinhos, Sala de Aula, Educomunicação.

ABSTRACT

The purpose of this research is to study the reasons that lead teachers to use - or not – *COMICS* as an auxiliary and stimulating resource in the process of in classroom learning. It is a popular cultural media that, when used properly, can address different age groups, levels of education and many social, political, historical, and geographical topics, among others. At a time when digital media competes with the teacher, it is essential to value this professional that seeks different resources based on concepts of “*Educommunication*” in order to bring useful and attractive tools in transmitting concepts and contents of the curriculum to students.

Keywords: Comics, Classroom, Educommunication.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 01 – Paulo Freire e Mario Kaplún.....	16
Figura 02 – Celéstin Freinet e Janusz Korczak.....	20
Figura 03 – Exemplos de temas a serem trabalhados na sala de aula.....	22
Figura 04 - Panteão e o Homem de Ferro.....	24
Figura 05 – Homem de Ferro.....	24
Figura 06 – Estudo de Anatomia de Leonardo da Vinci e Tarzan.....	25
Figura 07 – Príncipe Valente.....	25
Figura 08 – Tintim e Asterix.....	26
Figura 09 – Batman.....	26
Figura 10 – A Grande Depressão de 1929.....	28
Figura 11 – X-Men.....	29
Figura 12 – Exemplos de temas.....	30
Figura 13 – Rodolphe Töpffer.....	31
Figura 14 – Max und Moritz (Juca e Chico) de Wilhelm Busch.....	32
Figura 15 – Angelo Agostini e sua criação Nhô-Quim.....	32
Figura 16 – Richard F. Outcault - criador do The Yellow Kid.....	33
Figura 17 – Super-Homem - criado por Jerry Siegel e Joe Shuster.....	34
Figura 18 – Batman, criado por Bob Kane e Bill Finger.....	34
Figura 19 – Capitão América - criado por Jack Kirby e Joe Simon.....	35
Figura 20 – Fredric Wertham e seu livro “A sedução dos inocentes”.....	35
Figura 21 – Imagem de destruição de revistas em quadrinhos.....	36
Figura 22 – O Tico-Tico.....	38
Figura 23 – Suplemento Juvenil.....	39
Figura 24 – O Amigo da Onça - criado por Péricles de Andrade Maranhão.....	39
Figura 25 – I Exposição Internacional das Histórias em Quadrinhos.....	40
Figura 26 – Bidu - criado por Maurício de Souza.....	41
Figura 27 – O Pererê de Ziraldo Alves Pinto.....	42
Figura 28 – O Judoka - criado por Pedro Anísio e Eduardo Baron.....	42
Figura 29 – 10 Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).....	56

Gráfico 01 – Utilização / atrativo.....	47
Gráfico 02 – Utilização em sala de aula.....	48
Gráfico 03 – Dificuldades.....	49
Gráfico 04 – Finalidades.....	50
Gráfico 05 – Restrições.....	50
Tabela 01 – Facilidades e Dificuldades no uso das historias em quadrinhos.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. Educomunicação.....	15
1.1 O educar no século XXI - o desafio.....	18
1.2 Os quadrinhos na Educomunicação.....	21
1.3 Material de apoio na aprendizagem.....	23
2. História das histórias em quadrinhos.....	28
2.1 Influência sociocultural.....	28
2.2 Surgimento.....	31
2.3 Os quadrinhos brasileiros.....	38
3. Metodologia e análise.....	44
3.1 Questionário dirigido aos professores.....	46
3.2 Entrevistas com especialistas.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DAS IMAGENS.....	72
APÊNDICE.....	75

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem origem em alguns anos de análise como admirador, leitor e entusiasta das histórias em quadrinhos. Quando criança a leitura de uma história me transportava para um mundo de ação e aventura. Contribuiu para a minha alfabetização e aguçava a minha curiosidade para assuntos pertinentes sobre a sociedade e fatos históricos que se intensificaram quando adolescente.

Ao longo dos anos me tornei professor e me deparei com a desafiadora tarefa de minhas aulas serem interessantes como são as mídias digitais. Além disso, já lecionei em instituições que não possuíam tantos recursos tecnológicos para que motivassem os alunos, o que me fizeram buscar material de baixo custo e de fácil acesso, sendo estimulador e criativo para incentivar os estudantes. Não tenho pretensão alguma em substituir as mídias digitais, mas ser sim mais uma alternativa ao processo de aprendizagem. É inegável que o uso dos quadrinhos é cada vez mais acessível, porém, requer uma análise por parte dos professores para adequar o material ao conteúdo que se quer transmitir em sala de aula, pois nem todas as disciplinas são pertinentes para serem usados.

Na primeira oportunidade de ampliar meus estudos, dediquei-me ao mestrado e a escolha certamente seria por histórias em quadrinhos. Por isso, o objetivo da pesquisa foi estudar os motivos que levam os professores a utilizarem ou não as histórias em quadrinhos como recurso auxiliar e estimulador no processo de aprendizagem na sala de aula sobre a perspectiva da Educomunicação.

Trata-se de uma fonte de aprendizado que está ao alcance, seja do professor ou do aluno, quando utilizada de forma planejada e adequada, abrangendo temas de Língua Portuguesa, Ciências, Artes, Geografia, História, etc. A mensagem pode ser transmitida através de texto e/ou imagens que cativem e chamem a atenção dos alunos.

Optei por usar o conceito de Educomunicação como referência para abordar as histórias em quadrinhos, por considerar de extrema importância quando se trata de um meio de comunicação direcionado para a educação, como foi a escolha desse tema, valorizando assim o

processo Educomunicativo que é colaborativo e enriquecedor, possibilitando novas abordagens a fim de apoiar o desenvolvimento de cada aluno.

Como prática Educomunicativa a perspectiva educacional indica a relevância da aplicação dessa ferramenta de ensino, abrangendo a formação dos professores, apresentando inclusive convergência entre os fundamentos da educação emancipatória e os fundamentos da Educomunicação.

Para a construção deste projeto, além de levantamento bibliográfico foi realizado coleta de dados através de um questionário enviado por e-mail para professores de diferentes níveis de ensino e disciplinas de Escolas Públicas e Particulares durante os meses de novembro e dezembro de 2018. Os professores que receberam a solicitação para responder o questionário foram selecionados através de círculos de profissionais e colegas de magistério a fim de analisar as reações, nível de aceitação e/ou de dificuldades dos professores em trabalhar com histórias em quadrinhos em sala de aula.

Embora de fundamental importância, o questionário enviado não teve caráter obrigatório, ficando a cargo de cada professor a sua manifestação a respeito do assunto as histórias em quadrinhos. As perguntas foram dirigidas de maneira abertas e fechadas relacionadas ao tema da pesquisa para uma melhor análise das opiniões desses profissionais.

Após o envio do questionário por e-mail, estipulamos 30 (trinta) dias para a sua conclusão. Após este período, dos 80 (oitenta) questionários enviados, 43 (quarenta e três) foram respondidos e fazem parte de toda análise desse estudo.

Entrevistas com especialistas da área educacional também foram realizadas para melhor embasar a pesquisa e os conteúdos serão demonstrados e analisados ao longo deste trabalho.

Em relação à organização deste trabalho no capítulo 1 será abordado o conceito de Educomunicação, a fim de, demonstrar o encontro da Educação com a comunicação contribuindo para o aprendizado, assim demonstrando o uso das histórias em quadrinhos como recursos de comunicação: desenho e texto.

No capítulo 2 será apresentado um panorama histórico dos quadrinhos com foco em sua importância como expressão cultural e inserção social auxiliando a compreender melhor a sociedade desde o seu surgimento até os dias atuais. Será abordada a importância do planejamento e adequação do tema pelo educador que se quer transmitir através do auxílio dos quadrinhos.

Os questionários distribuídos com as questões pertinentes ao tema da pesquisa e as entrevistas realizadas com especialistas: *Laurivaldo Klink Junior, Adriano José Marangoni, Bruno Leonardo Ramos Andreotti e Victor Callari* serão apresentadas e analisadas no capítulo 3 e finalmente nas considerações finais, que abre caminhos para outros estudos relacionados ao tema, já que essa discussão não deverá estagnar aqui. É preciso estudar sempre para aprofundar e buscar novos conhecimentos.

1. Educomunicação

Esse campo de estudo concentra-se no ensino mediado por possibilidades tecnológicas e comunicacionais e as histórias em quadrinhos se encaixam nesse contexto. No entanto, muitas práticas são criticadas no que diz respeito aos dispositivos utilizados. Porém, não é possível negar as histórias em quadrinhos como instrumento de apoio dentro do contexto da informação na contemporaneidade. Trata-se de um processo que permeia as relações e práticas sociais em todo o nosso cotidiano.

Por isso, o objetivo é analisar o uso ou não desse material muitas vezes visto de maneira controversa e simplista. A proposta da educação mediada por tal material comunicacional é justamente possibilitar a reflexão sobre o uso de articuladores de informação e sobre a maneira como se expressam nas relações entre professores e alunos.

Então podemos definir a Educomunicação como aprendizagem para o exercício pleno da cidadania, em que as interações pessoais constituem uma rede de saberes mediado pela cultura. Ou seja, a formação de uma malha de relações e interações mediadas por um profissional especializado com a finalidade de ampliar as relações pessoais, a convivência entre os sujeitos (SOARES, 2010, p. 13).

A Educomunicação tendo como fundamentação os estudos e as práticas. Segundo Ismar de Oliveira Soares, os primeiros educadores na América do Sul foram Mario Kaplún, argentino estudioso da comunicação educativa, e Paulo Freire, brasileiro conhecido por sua atuação na educação libertadora. Paulo Freire afirma:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licencioso rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade (FREIRE, 1996, p. 25).



Figura 01 – Paulo Freire e Mario Kaplún.
<https://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia>

Essa inquietude dos jovens estudantes, nos dias atuais, ao buscar uma linha diferente de aprendizagem, fora do tradicional, faz com que o professor pesquise técnicas e conteúdos que possam contribuir para gerar um interesse maior destes jovens pelo conhecimento.

Os grandes desafios para este século são a melhoria na qualidade de ensino em nível nacional, além da implementação de uma base nacional curricular comum que estimula o uso de novas propostas pedagógicas.¹

A educação deve acompanhar este fluxo de mudanças e novos conhecimentos que estão sendo desenvolvidos para compreender esse potencial pedagógico.

O enfoque trazido pela Educomunicação atualiza a relação professor-aluno, a partir de um diálogo horizontal, em que o poder da expressão é compartilhado democraticamente ao colocar o foco da educação no diálogo. Este conceito potencializa o aprendizado a partir da interação entre as pessoas com o conhecimento. Neste sentido, tem faltado compreensão de educadores e pesquisadores, que acabam por restringir a proposta a um conjunto de atividades modelares que poderiam ter um papel mais significativo na aprendizagem, mas é possível transformar essa “visão” através da busca de alternativas que venham somar às já existentes.

Através de textos rápidos e informais temos um meio de comunicação poderoso que transporta crianças, adolescentes e adultos para um mundo de magia e ludicidade. Assim, são as histórias em quadrinhos utilizadas como material de apoio às atividades pedagógicas.

¹ Disponível a BNCC (Base Nacional Curricular Comum) no endereço eletrônico <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

Segundo Leila Rentroia Iannone e Roberto Antonio Iannone “ Em sua estrutura usual, a história em quadrinhos compõem-se de quadros que combinam dois meios de comunicação distintos: desenho e texto.”² Nesse sentido, temos os quadrinhos para transmitir a mensagem e assim dar sequência a uma história. Utilizando essa “história”, podemos ter um conteúdo didático-pedagógico sendo transmitido de maneira lúdica e estimulante.

Ler, trabalhar e estudar com histórias em quadrinhos incentiva alunos e professores a buscarem outros textos, desenvolvendo o senso de observação através do foco nas imagens reproduzidas por exemplo e remetendo à fatos históricos e localizações geográficas que talvez não despertariam tanta curiosidade.

² IANNONNE, Leila Rentroia. IANNONE, Roberto Antônio. O Mundo das histórias em Quadrinhos, 1994, p.60.

1.1 O educar no século XXI - o desafio

Quando se leva a linguagem das histórias em quadrinhos para um nível de interação, como uma proposta planejada e desenvolvida pelo professor juntos aos alunos, propicia um ambiente crítico, criativo e transformador.

O material utilizado pode estimular a atividade e iniciativa dos alunos, favorecendo o diálogo entre estudantes e educador pela proximidade de repertório, levando em conta o interesse dos estudantes e adaptação do conteúdo a faixa etária, mas sem perder de vista a qualidade da informação compartilhada e da compreensão dos conteúdos estudados.

A popularização das histórias em quadrinhos ao longo dos anos tem resultado em uma forma de interação social da sociedade contemporânea. É possível, por meio deles, analisar como os aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais contribuíram para o acesso a novos conhecimentos e novas inter-relações atualmente.

Na Educação, em pleno século XXI, ainda há controles nada benéficos, com gestões centralizadas. Há profissionais bastante especializados, mas não flexíveis, que se limita a educar nos moldes que lhes foi ensinado, sem inovar, sem se arriscarem ao novo para a transmissão de informação. Hoje a urgência de novas técnicas é ainda mais acentuada. Existem várias ferramentas para Educação, independente de suas naturezas, eletrônica ou impressa. O educador deste novo tempo precisa desenvolver competências, a começar pela superação da concepção de educação como mera transmissão de conteúdos e pela capacidade de se adaptar a novas metodologias e dinâmicas interdisciplinares no fazer pedagógico.

Pode-se ver que a Educomunicação, como concepção de aprendizagem e de formação de cidadania, é um meio em que as interações pessoais constituem uma rede de conhecimentos mediados pela cultura. Nesse campo interdisciplinar, que conjuga comunicação e educação, os meios são mais que ferramentas de transmissão. Eles são tomados em sua dimensão pedagógica, como recursos de interação e construção de conhecimentos, como elementos de emancipação do aluno e exposição do professor, em relações dialógicas, sensíveis e criativas. O processo de aprendizagem é emancipatório para aluno e, também, para o professor, já afirmava Paulo

Freire.³ Não se trata apenas de acúmulo de conhecimento, é necessário saber onde aplica-lo e nesse aspecto o professor é muito mais que transmissor, é um Educador que pode se utilizar, desde que com critérios bem definidos, o uso dos quadrinhos em sala de aula.

O conjunto das ações de caráter multi-disciplinar voltadas ao planejamento e à implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistema comunicativos abertos e criativos nos distintos espaços educativos - dos não formais aos formais -, de formas a garantir condições de expressão a todos os membros das comunidades educativas, envolvendo, em igualdade de condições, gestores comunicadores, ensinantes e receptores e educandos, especialmente crianças, adolescentes e jovens. Ou seja, a comunicação - promovida a partir da perspectiva da dialogicidade – colocando-se como missão romper fundamentalmente o conceito de verticalidade de relações, possibilitando e ampliando, desta a forma, o uso da palavra (SOARES, 2009, p. 20).

Trata-se da formação de uma rede de relações e interações mediadas por um profissional preparado adequadamente para entender as demandas destes dias e o conteúdo pedagógico com que está trabalhando, com a finalidade de ampliar as relações pessoais.

Quando pensamos na ação de educar, é necessário lembrar-se da Grécia Antiga, quando arte, esporte, política a educação se sobrepunham. Lá, essa relação não era explicada: era um processo normal para o aprendizado. Nos dias de hoje, essas mudanças começaram a ser questionadas. A revolução industrial e as escolas politécnicas foram em grande parte responsáveis por gradativamente mudar as concepções curriculares e implementar, por exemplo, atividades mais práticas do que teóricas. Na pós-modernidade com a virada para o século XX, houve uma explosão de novas ideias e tecnologias que surgiram com força com a evolução da gráfica impressa, quando as pessoas tiveram acesso à informação de todo o tipo. Com o surgimento do rádio e o cinema, principalmente, a difusão de informações ficou mais rápida, como deixar de não usar os meios eletrônicos para apoiar os estudos? Necessária uma atenção especial a todo conteúdo pedagógico que vai ser trabalhado no processo educacional.

Algumas experiências que podemos considerar práticas da Educomunicação no início do século XX: uma delas, colocada em prática pelo sociólogo francês Célestin Freinet, que implantou um jornal-escolar, no colégio onde ministrava aulas na qual os estudantes desenvolviam todo o jornal. Os estudantes se expressavam livremente e tinham o domínio sobre

³ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

a linha editorial. Sua ideia funcionou e durou por um bom tempo, mas infelizmente ele acabou expulso do meio educacional francês. Alegou-se, na ocasião, que era um desequilibrado.⁴

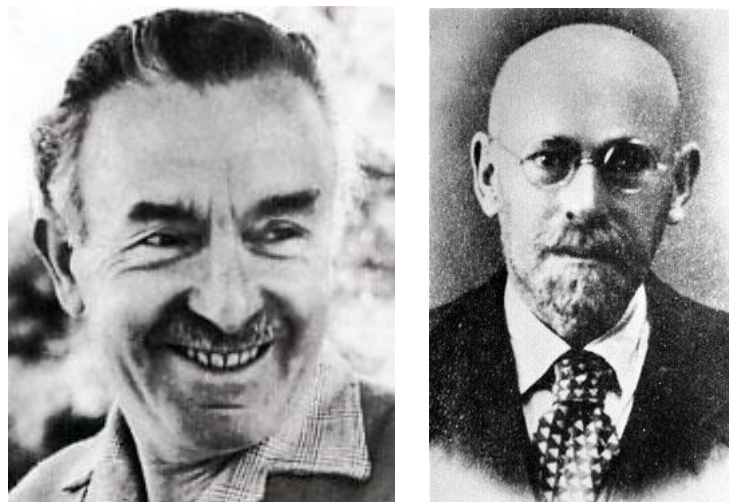


Figura 02 – Célestin Freinet e Janusz Korczak.

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8f/Selesten.jpg> e https://pt.wikipedia.org/wiki/Janusz_Korczak

Outra experiência ocorreu na Polônia, perto do início da Segunda Guerra Mundial. A experiência foi em um orfanato dirigido por um pesquisador Janusz Korczak. Ele implantou a ideia de que as crianças criassem suas próprias leis e os meios de controle da comunicação desse orfanato. O resultado foi muito bem e seus estudos são sempre lembrados por educadores, mas infelizmente por ser judeu foi levado a um campo de concentração. Já no Brasil, crianças e jovens, tiveram mais voz em 1961 com as comunidades eclesiais e em 1960 pelos movimentos sindicais, e posteriormente pelas ONGs, que tinham como foco a proteção da criança e do adolescente garantindo a continuidade de projetos de qualidade.

⁴ RIBEIRO, Raquel. *A Escola é cidade e a cidade é escola: a educação aplicada à arte*. São Paulo: Choque Cultura, 2015, p. 28.

1.2 Os quadrinhos na Educomunicação

A Educomunicação cria uma nova ligação aluno-educador, ou seja, é uma nova linha de diálogo, colocando o foco da educação nesse novo meio. Este novo modelo de compartilhamento de conhecimentos veio a potencializar a aprendizagem a partir desse conjunto de ideias ao qual se convencionou chamar de Construtivismo. No início deste estudo, levantou-se a seguinte hipótese: haveria certa dificuldade, por parte de alguns educadores, em relação à aceitação das histórias em quadrinhos como instrumento/recurso para a aprendizagem por talvez faltar orientação sobre seu uso ou supostamente seria a resistência ao novo, já que tem facilidade com material tradicional?

Precisamos muito mais da aprendizagem de relações interpessoais, de aprender a aprender. As histórias em quadrinhos exercem uma função potencializadora da comunicação, sendo um veículo questionador, de quebra de paradigmas e inovador na educação. Sua inserção como instrumento na aprendizagem precisa ser bem organizado e o educador precisa estar preparado o suficiente para manusear esse material.

A cultura visual urbana abrange muito dos segmentos de arte e linguagem como graffiti, fotografia, mídia audiovisual, dança e, é claro, histórias em quadrinhos. Tem-se farta gama de conteúdos, o que facilita a criação da circunstância para que o aprendizado ocorra da forma ideal.



Figura 03 – Exemplos de como é possível, a partir das histórias em quadrinhos, introduzir e aprofundar temas como política, religião, morte e literatura entre outros.

<https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1110661909-tk0b-hq-graphic-album-01-marvel-dracula- JM>

<http://ocafe.com.br/hq/um-sinal-do-espaco-will-eisner/>

<https://www.skoob.com.br/a-morte-do-capitao-marvel-79654ed87824.html>

<https://christofoletti.com/2012/03/16/uma-lagrima-para-moebius/>

<http://submundo-hq.blogspot.com/2014/04/hq-memoria-homem-de-ferro-crash-1.html>

No que se diz respeito aos temas, podemos afirmar que as histórias em quadrinhos conseguem abordar todos os motivos imagináveis, de forma que o educador vai ter um ótimo recurso pedagógico, criativo, divertido e prazeroso. O seu uso pode estimular a criatividade e a consciência crítica dos estudantes, dada sua dimensão reflexiva e imaginativa dos quadrinhos.

Segundo o escritor Flávio Calazans “Os limites do emprego das histórias em quadrinhos em sala de aula são os limites da criatividade de cada professor”⁵ porém, há que se notar que para atingir o objetivo proposto é preciso ter critério ao escolher as histórias em quadrinhos apropriadas ao tema a ser desenvolvido.

⁵ CALAZANS, Flávio. História em Quadrinhos. São Paulo: Paulus, 2004, p. 17.

1.3 Material de apoio na aprendizagem

As histórias em quadrinhos são facilmente aplicáveis em qualquer disciplina, uma vez que versam sobre os mais diferentes temas. Elas podem ser introdutórias, desenvolver ou reforçar determinados pontos do conteúdo programático. Uma de suas propriedades é a facilidade de absorção pelos estudantes.

Facilmente é possível despertar nos alunos o hábito de ler através das histórias em quadrinhos, passando assim a consumir revistas, jornais e livros. São de fácil assimilação podendo gradativamente aumentar seu grau de complexidade. A experiência de ler é sempre enriquecedora em termos de vocabulário.

Permitem o exercício do livre pensamento ao expressar graficamente partes de uma narrativa que apenas na dimensão da literatura, sem imagens, não seriam expressos. A junção de texto com imagem passa a ser estimulante ao aluno e o professor deve explorar esse material de apoio para o processo de ensino-aprendizagem. Além de ser bastante acessível é um material de baixo custo.

Podem ser adquiridas em qualquer banca de revistas, e em boa parte das melhores livrarias até mesmo em supermercados e papelarias. Estão no acervo de qualquer biblioteca e inclusive, nas especializadas, chamadas de Gibitecas. Não é raro que alunos consigam adquirir certas edições emprestadas de amigos ou familiares.

No aspecto universal, as histórias em quadrinhos abordam temas que são assimiláveis pelos estudantes, sem que haja necessidade de “grande” familiaridade com tais temas. Sua utilização, tem como característica, também, a possibilidade de integrar diversas áreas do conhecimento, podendo contribuir muito para um ambiente escolar interdisciplinar, além de suas habilidades interpretativas, a partir das dimensões visuais e verbais. De acordo com Waldomiro Vergueiro:

Não existe qualquer barreira para o aproveitamento das histórias em quadrinhos nos anos escolares iniciais e tampouco sua utilização em séries mais avançadas, mesmo em nível universitário. A grande variedade de títulos, temas e histórias existentes permite que qualquer professor possa identificar materiais apropriados para a sua classe de alunos, sejam de qualquer nível ou faixa etária, seja qual for o assunto que deseje desenvolver com eles (VERGUEIRO, 2004, p. 24-25).

Aqui vemos, nas imagens abaixo, uma amostra do uso das histórias em quadrinhos, que podem ser aplicadas pelo educador para enriquecer o tema abordado, por exemplo, na disciplina de História.



Figura 04 – O Edifício Panteão em Roma, servindo de inspiração para cenário de uma das histórias em quadrinhos do Homem de Ferro, criado por Stan Lee, Larry Lieber, Don Heck e Jack Kirby em 1963.

<http://www.janelaitalia.com/o-panteao-romano/>

É possível ver, nestas duas imagens, a foto de um edifício romano chamado Panteão, localizado na Itália, e como o local foi usado para ilustrar um cenário de histórias em quadrinhos do Homem de Ferro. Assim como as demais figuras também servem de exemplos para aplicação em sala de aula.



Figura 05 – Sequência de histórias em quadrinhos que permite explorar conteúdos de Biologia e Matemática em sala de aula. Personagem Homem de Ferro criado por Stan Lee, Larry Lieber, Don Heck e Jack Kirby.

<http://www.janelaitalia.com/o-panteao-romano/>

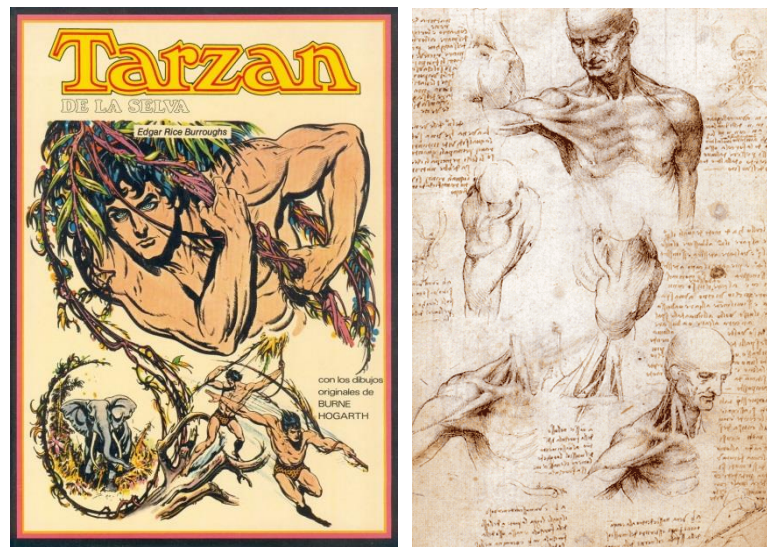


Figura 06 – Estudos de Anatomia de Leonardo da Vinci e histórias em quadrinhos de Tarzan (História criada por Edgar Rice Burroughs e desenhada por Hal Foster e depois por Burne Hogarth) que podem ser utilizadas para aulas de artes.

<http://www.blue.fr/vinci/dessins/a12.html> e <http://desenhistasautodidatas.blogspot.com/2011/09/os-trabalhos-de-burne-hogarth.html>



Figura 07 – A história em quadrinhos do Príncipe Valente, criada em 1937 por Hal Foster pode ser explorada para o estudo em Arquitetura, Artes e até História.

<http://laboratorioespacial.blogspot.com/2018/06/no-traco-de-hal-foster-face-da-aventura.html>

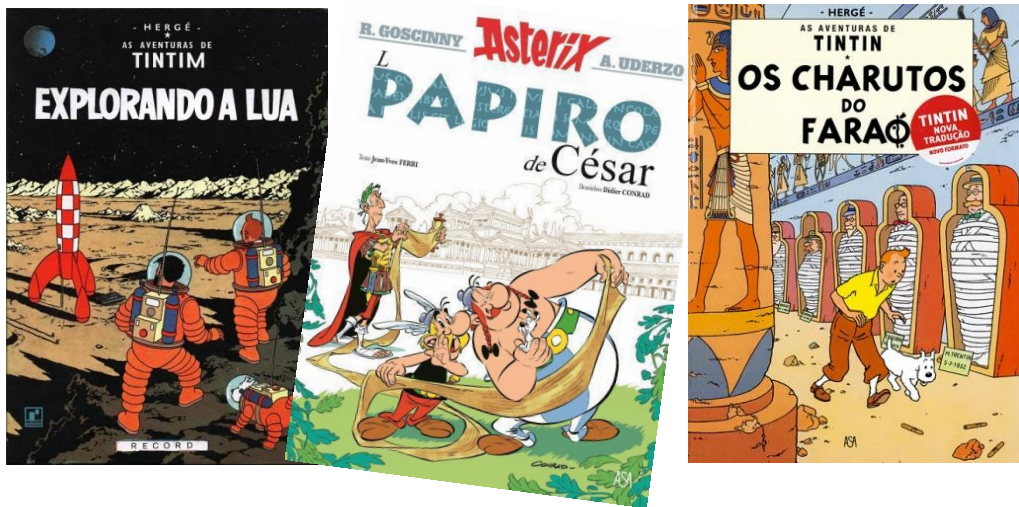


Figura 08 – Tintim, criado por Hergé e Asterix, escrito por René Goscinny e ilustrada por Albert Uderzo. Ambos proporcionam a possibilidade do estudo de Ciências, História e Geografia.

<https://tintinofilo.weebly.com/ciacuterculo-de-leitores1.html> - <https://www.saraiva.com.br/o-papiro-de-cesar-asterix-n-36-9202949.html> - <https://www.rika.com.br/aventuras-de-tintim---os-charutos-do-farao19005145/p>



Figura 09 – Histórias como do Batman criado por Bob Kane e **Bill Finger**, textos que podem servir de reflexão em sala de aula sobre a sociedade em que vivemos e nosso futuro como cidadãos.

<https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-936919456-batman-guerra-ao-crime-alex-ross-e-paul-dini-livro- JM>

Neste capítulo, vimos a importância de reconhecer as histórias em quadrinhos como um recurso didático-pedagógico com potencial para qualificar o processo de aprendizagem, desde que o professor saiba como empregá-lo. Alguns exemplos para sua aplicação foram transmitidos, mas o empenho no critério é fundamental para o alcance dos objetivos.

Defendemos que com a prática da leitura se cria o hábito e através dele se desenvolve a familiaridade e surge o prazer, tornando as histórias em quadrinhos uma distração. Cabe ao professor unir esse entretenimento à transmissão de conhecimento cujo objetivo principal das ações Educomunicativas é o crescimento do indivíduo e conseqüentemente sua capacidade de expressão.

2. História das histórias em quadrinhos

2.1 Influência sociocultural

As histórias em quadrinhos, mediante personagens e roteiros qualificados, acabam por influenciar os jovens e adultos pelo mundo inteiro. Assim como, o cinema, a literatura e as artes plásticas estão sujeitos aos valores culturais de sua época. E foi ao longo de fatos e acontecimentos históricos que é possível perceber o quanto isto influenciou os quadrinhos em seus textos e suas formas visuais ao longo da história que acompanhou as mudanças do mundo.

Uma dessas mudanças ocorreu em 1929 com a quebra da bolsa de Nova York, desencadeando uma crise financeira mundial. Falências de empresas sólidas, inflação, desemprego, despejos da noite para o dia ocorreram, e com isso efeitos negativos surgiram como a explosão da criminalidade nas cidades.



Figura 10 – A Grande Depressão de 1929
Filas na cidade de Nova York - efeito da quebra dos bancos.
<https://www.coladaweb.com/historia/crise-de-1929-a-grande-depressao>

Neste contexto, os quadrinhos mudaram também. Os jovens estavam descrentes de um futuro melhor. Era necessário proporcionar uma ideia de “segurança” e “proteção” a esses jovens e também aos adultos. Surge então, o herói aventureiro dos quadrinhos: *Tarzan*, escrito por Edgar Rice Burroughs que ganhou formas pelo desenhista Hal Foster e depois por Burne Hogarth. *Tarzan* trazia um estilo diferente nos traços mais realísticos do mundo real comparado com a época e se identificava com seus leitores sobre um período de incertezas. Possibilitava sonhar e superar as dificuldades. Era inspirado no ideal do bom selvagem, do filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e no fascínio que o continente africano despertava nos jovens (FEIJÓ, 1997, p. 25).

Com esse efeito, os anos 30 foram para os quadrinhos uma explosão de grandes criações chamada de Era de Ouro por pesquisadores e entusiastas sobre o assunto. Nesse período surgiram personagens como: *Super-Homem* de 1938, *Batman* de 1939, *Capitão América* e *Mulher Maravilha* ambos de 1941, entre outros. Todos surgiram em períodos críticos como políticos, sociais e culturais ao longo das décadas que demonstra as influências socioculturais da época.

Trata-se de um meio de comunicação de massas que se desenvolveu enormemente no decorrer do século XX, com relevância no que diz respeito à abordagem de temas como o do movimento hippie o movimento do paz e do amor, em que as pessoas se colocavam contrárias a eventos como a guerra do Vietnã, ou as agitações sociais relacionadas à luta dos negros por seus direitos, entre outros movimentos que eram também abordados nos quadrinhos.

Eram temas que a sociedade se recusava a abordar. Essas mudanças do modo de ver o mundo eram condenáveis, pois tais informações alcançavam os jovens daqueles dias. Por exemplo, o grupo de mutantes *X-Men* foi criado para que as pessoas tomassem consciência de que o diferente poderia ser aceito como o racismo, de que é possível criar um mundo melhor, respeitando suas diferenças, qualquer que fosse essa distinção, racial, social, orientação sexual, política etc.



Figura 11 – Exemplo - A aceitação do diferente foi explorada nas histórias em quadrinhos do X-Men, um grupo de mutantes de super-heróis. Criados por Stan Lee e Jack Kirby em 1963.

<http://baixarquadrinhos.com/Hq-Quadrinho/ler-online-quadrinho-x-men-01-1963-stan-lee-ou-baixar-em-cbr-ou-pdf/>, <http://agemt.org/?p=12522> e <https://www.geledes.org.br/elizabeth-eckford-a-mulher-que-desafiou-o-racismo-americano/>

No decorrer dos anos, as temáticas se tornaram ainda mais claramente abordadas, como a questão de relacionamentos entre homossexuais e doenças como a Aids e podem ser trazidas aos dias de hoje como material de apoio demonstrando como os fatos e grandes acontecimentos influenciam a sociedade.



Figura 12 – Exemplos de temas polêmicos são abordados como doenças e relacionamentos entre o mesmo sexo. Sugestão como material de apoio para discutir com os alunos em sala de aula.

<https://cabanadoleitor.com.br/orgulho-lgbt-representatividade-e-hqs/> e
<https://www.flogao.com.br/hulkesmaga/132419615>

2.2 Surgimento

O homem, desde os tempos das cavernas, já retratava suas aventuras através de sucessão de imagens quando se utilizava de desenhos e elementos gráficos nas paredes. Esses desenhos eram os mais próximos da realidade. Seria neste contexto o início das histórias, logicamente sem a forma atual, mas se aproximavam.

“As ilustrações predominavam e os textos, quando existiam eram diminutos e apareciam sob cada quadro ou desenho. Em geral vinham em forma de prosa e verso e o diálogo praticamente inexistia.” (IANNONE, 1994, p. 27). A princípio essas pinturas serviam para retratar histórias. Algumas vezes, eram retratadas em um único desenho apenas, outras em sequência, mas sempre sem legendas. Assim, foram difundidas nos livros e na imprensa em meados do século XIX, época que marcava ao mesmo tempo o nascimento dos quadrinhos na Europa e nos Estados Unidos.

Na primeira metade do século XIX, o professor suíço Rodolphe Töpffer e o alemão Wilhelm Busch, são apontados com destaque sendo os pioneiros das histórias contadas por meio de imagens. Töpffer produziu, o que ele mesmo chamou de “literatura em estampas”, repletas de originalidade e fantasia, com figuras e em algumas cenas com breve texto. Já Busch, foi reconhecido como o grande inspirador para as histórias norte-americanas por seu humor pesado e moralista.



Figura 13 - Rodolphe Töpffer de 1799 a 1846 - Considerado um dos pioneiros das histórias em quadrinhos.

<https://comicvine.gamespot.com/rodolphe-topffer/4040-71134/> e

https://en.wikipedia.org/wiki/Rodolphe_T%C3%B6pffer#/media/File:Toepffer_Cryptogame_13.png

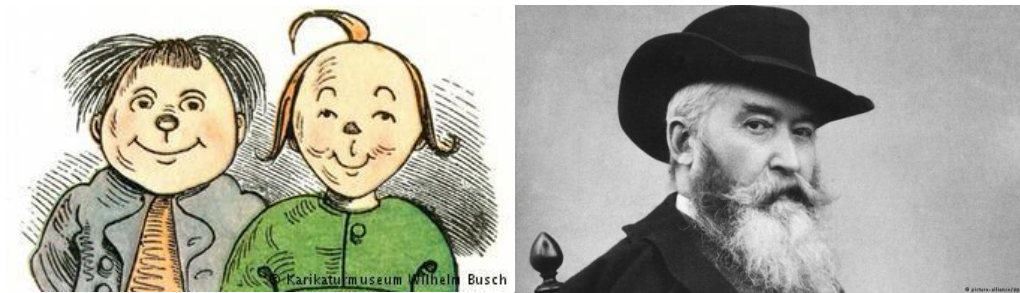


Figura 14 – Personagens Max und Moritz (Juca e Chico) criação de Wilhelm Busch.
<https://www.dw.com/pt-br/1908-morria-o-desenhista-sat%C3%ADrico-e-escriptor-alem%C3%A3o-wilhelm-busch/a-297301>

No Brasil, comemora-se o dia 30 de janeiro, como o Dia do Quadrinho Nacional, em homenagem ao personagem Nhô-Quim, criado por Angelo Agostini. Agostini nasceu na Itália e veio para o Brasil em 1859 e se estabeleceu em São Paulo. Surgi as aventuras de Nhô-Quim, de 1869, é um marco para as histórias em quadrinhos apesar de pesquisas mais recentes revelarem que o próprio Agostini já havia publicado uma série, *As Cobranças*, na revista *O Cabrião* de dois anos antes, como relata Nobu Chinen em seu livro *Linguagem HQ Conceitos Básicos*.⁶



Figura 15 - Angelo Agostini e sua criação Nhô-Quim.
<https://quadrinhos.wordpress.com/tag/as-aventuras-de-nho-quim/> e
https://pt.wikipedia.org/wiki/Angelo_Agostini

Em 1895 foi criado *Yellow Kid* de Richard F. Outcault, considerado a transição da história ilustrada para a linguagem dos quadrinhos. (MOYA, 2003, p. 19). Era um painel único, contendo uma narrativa. No início parecia uma narrativa sequencial, um ano depois ganhou

⁶ CHINEN, Nobu. *Linguagem HQ: Conceitos Básicos*. São Paulo: Criativo, 2011, p. 46-47.

características de histórias em quadrinhos, com diálogos inseridos em balões, o que para muitos, por esses motivos, em 1896 foi considerado a data efetiva do surgimento dos quadrinhos.

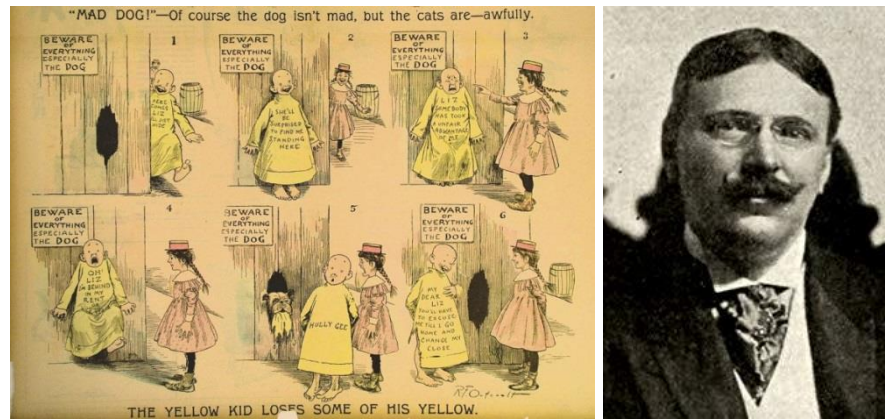


Figura 16 – Richard F. Outcalt criador do The Yellow Kid.

<http://labaredacarmim.blogspot.com/2016/01/a-historia-das-historias-em-quadrinhos> e https://en.wikipedia.org/wiki/Richard_F._Outcalt

Outras séries surgiram e os editores de jornais perceberam que atraíam o público e na virada do século XIX para XX todo jornal queria ter sua publicação de quadrinhos, porém o custo de um desenhista exclusivo era alto para época. Os jornais começaram a revender os desenhos fazendo assim com que os quadrinhos se espalhassem pelo mundo todo, sendo um poderoso meio de comunicação de massa.

Primeiramente apareciam em páginas dominicais dos jornais norte-americanos com conotações humorísticas. Depois, passaram a ter outras temáticas com núcleos familiares, animais e aventuras em continuidade. Para manter os atrativos das histórias em quadrinhos, algumas editoras investiram em personagens heróicos, com habilidades além das normais a fim de combater os criminosos, surgindo o ícone *Super-Homem*, de Jerry Seigel e Joe Shuster, de 1938.

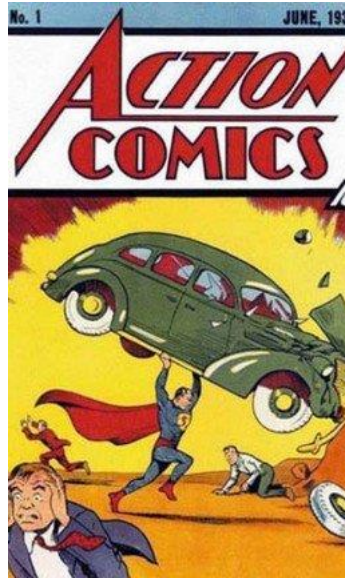


Figura 17 - Super-Homem - criado por Jerry Siegel e Joe Shuster.

Nos quadrinhos apareceu pela primeira vez na primeira edição da "Action Comics" em 18 de abril de 1938. <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/80-anos-do-super-homem-relembre-os-atores-que-encarnaram-homem-de-aco-nas-telas-22603130>.

Reunia várias características: honesto, justo sempre disposto a ajudar quem precisasse. Logo após, veio *Batman*, um herói sombrio no limite do bem e do mal que não se importava com quem fosse de um simples ladrão ao mais alto cargo da cidade de Gotham City, pois ele defendia. Todos deveriam respeitar as leis. Criado em 1939 por Bob Kane e Bill Finger.



Figura 18 - Capa da primeira edição do *Batman* 1940, criado por Bob Kane e Bill Finger.
[http://www.wikiwand.com/pt/Batman_\(revista_em_quadrinhos\)](http://www.wikiwand.com/pt/Batman_(revista_em_quadrinhos))

Com o início da Segunda Guerra Mundial, multiplicou-se a popularidade dos quadrinhos, com as criações de personagens de heróis em conflitos bélicos. Surgiu nesse período, em 1941, o Capitão América, de Jack Kirby e Joe Simon, símbolo do patriotismo estampado no uniforme e no próprio nome. (CHINEN, 2011, p. 53).



Figura 19 – Capitão América - Criado em 1941 por Jack Kirby e Joe Simon o personagem influenciou os americanos de alguma forma a se engajarem no esforço de guerra.

<https://www.comixology.com/Captain-America-Comics-1941-1950-1/digital-comic/490>.

Após a Segunda Guerra apareceram novos gêneros das histórias, como suspenses, histórias de terror e ficção científica, mas o exagero de violência gerou protestos de pais, educadores, psicólogos e autoridades, que queriam controlar ou proibir esse tipo de material, sob acusações de má influência para as crianças e adolescentes.

O assunto repercutiu tão ferozmente que foi publicado o livro *Seduction of The Innocent* (*A Sedução dos Inocentes*) de Fredric Wertham, psiquiatra que deu argumentação científica do seu ponto de vista, aos que queriam banir com as revistas em quadrinhos, mas as editoras se reuniram e elaboraram um código de conduta e se comprometeram a retirar as imagens e palavras consideradas impróprias e mesmo assim, muitas revistas deixaram de ser publicadas e editoras foram fechadas.

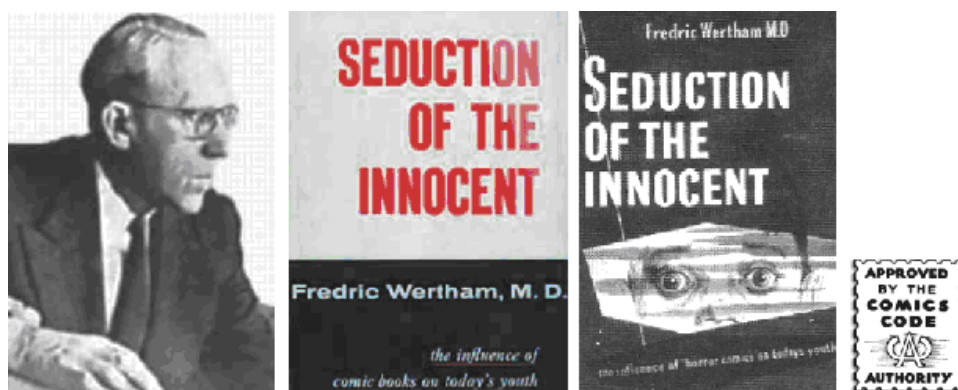


Figura 20 – Fredric Wertham e o seu livro “A sedução dos inocentes” e o selo de censura criado pelas editoras americanas, que se tornou obrigatório nas revistas de quadrinhos por décadas nos Estados Unidos.

<https://omelete.com.br/quadrinhos/artigo/batman-e-a-iseducao-do-inocente/> e <https://colunaae.wordpress.com/category/hq/>



Figura 21 – Em 1954, o Dr. Frederic Wertham, publicou seu livro argumentando que o Super-Homem promovia o fascismo; Batman e Robin, o homossexualismo e a Mulher Maravilha, o sadomasoquismo. Uma visão distorcida que levou à destruição de revistas em quadrinhos nas ruas provocou o fechamento de editoras e de profissionais que desistiram de suas carreiras.

<http://www.livrosepessoas.com/tag/fredric-wertham/>

No Brasil também ocorreram as críticas aos quadrinhos, o que gerou também um código próprio elaborado pelas editoras que aplicaram às revistas um selo de censura, na tentativa de não sofrerem represálias.

Durante muitos anos os quadrinhos não foram bem aceitos no universo acadêmico sob a argumentação de que afastavam as crianças dos livros que continham assuntos mais relevantes e que prejudicariam o rendimento escolar.

Na metade do século XX, os principais meios de comunicação: cinema, rádio, televisão, jornais, etc trouxeram melhor entendimento sobre os estudos culturais que passaram a ser encarados de maneira menos obscuras, analisando-os em sua particularidade, compreendendo com maior amplitude seu impacto na sociedade. Isso proporcionou as histórias em quadrinhos um quadro mais elevado, obtendo maiores atenções dos pesquisadores e educadores, tornando-se assim, destaque na comunicação, com características próprias.

O despertar para os quadrinhos surgiu inicialmente no ambiente cultural europeu, sendo depois ampliado para outras regiões do mundo. Aos poucos, “o redescobrimento” das HQs fez com que muitas das barreiras ou acusações contra elas fossem derrubadas e anuladas. De certa maneira entendeu-se que grande parte da resistência que existia em relação à elas, principalmente por parte de pais e educadores, era desprovida de fundamento, sustentada muito mais em afirmações preconceituosas em relação a um meio sobre o qual, na realidade, se tinha muito pouco conhecimento. (VERGUEIRO, 2004, p. 17).

Hoje, as histórias em quadrinhos fazem parte da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Sua importância no currículo escolar passou a ser reconhecida.

2.3 Os quadrinhos brasileiros

No Brasil foi lançada em 1905 a revista *O Tico-Tico* que se acredita ser a primeira revista a conter histórias completas. Trazia contos, textos informativos e assuntos destinados às crianças. Fez grande sucesso impresso em cores que trazia desenhistas brasileiros famosos como Jota Carlos, com os personagens: Melindrosas e Lamparina; Max Yantok, com Joca Bemol, Barão de Rapapé e Chico Muque; e Alfredo Storni com Aventuras de Zé Macaco.



Figura: 22 - No Brasil *O Tico-Tico* foi lançada em 1905.

<http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/tico-tico-o-n-1/ti173100/24467>

Por não se modernizar a revista *O Tico-Tico* foi superada e Adolfo Aizem, lançou o *Suplemento Juvenil*, com grandes personagens norte-americanos atingindo recordes de tiragem em três edições semanais. Durante muito tempo, Aizem foi o líder dos quadrinhos brasileiros. Fundou inclusive, em 1945, a editora Brasil-América (EBAL), através da qual publicou sua primeira revista, *O Heroi*.



Figura: 23 - Suplemento Juvenil lançado no Brasil em 1938.

<http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/suplemento-juvenil-edicao-especial/ma220102/92437>

Ainda na década de 40, mais precisamente a partir de 1943, na revista *O Cruzeiro*, o cartunista Péricles de Andrade retratou *O Amigo da Onça*, que ficou conhecido em todo o país satirizando cenas do dia-a-dia do carioca. Posteriormente, também retratado na revista *O Guri*, do reconhecido e renomado jornalista Assis Chateaubriand.



Figura 24 – O Amigo da Onça criado por Péricles de Andrade Maranhão, em 1943, a pedido de Leão Gondim, editor da revista O Cruzeiro.

<https://designices.com/o-amigo-da-onca-1943-1961-por-pericles/> e <https://focusfoto.com.br/exposicao-fotografica-sobre-revista-o-cruzeiro-e-apresentada-no-rj/>

Roberto Marinho, já dono do jornal *O GLOBO*, imitou Aizem e lançou *O Globo Juvenil* e o *Gibi*. Essa última fez tanto sucesso que o termo *gibi* passou a ser usado quase como um sinônimo de qualquer revista em quadrinhos. (MOYA, 2003, p. 20).

Em 1950, figuraram os personagens inspirados nas novelas de rádio da época: *Jerônimo*, o Herói do Sertão, de Moisés Weltman, e o *Vingador*, de Péricles do Amaral. Em São Paulo, em 1951, realizou-se a I Exposição Internacional das Histórias em Quadrinhos, iniciativa pioneira no mundo, dando prosseguimento ao seu reconhecimento como forma de manifestação artística.



Figura 25 – I Exposição Internacional das histórias em quadrinhos. Recorte do jornal Tribuna da Imprensa (RJ), que publicou uma matéria assinada por Tito Silveira sobre a exposição realizada em São Paulo.

[http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/perere-n-1\(1960\)/pe070100/41374](http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/perere-n-1(1960)/pe070100/41374)

O brasileiro Mauricio de Souza, ainda como repórter policial, com sua criação cachorrinho *Bidu* apareceu pela primeira vez em 18 de julho de 1959 no Jornal Folha de São Paulo. Hoje é reconhecido internacionalmente com os personagens *Mônica*, *Cebolinha*, *Bidu*, *Chico Bento* e *Horácio* entre outros e ganhou o prêmio Yellow Kid em 1971, o “Oscar” das histórias em quadrinhos.

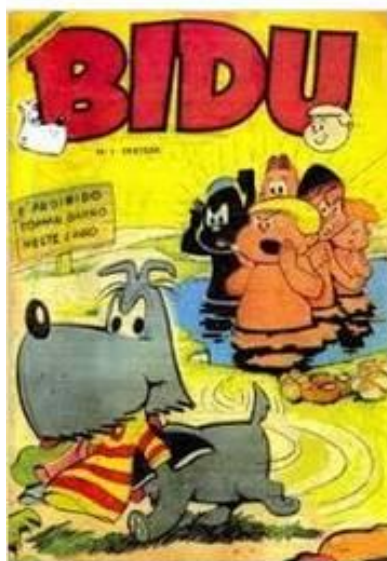


Figura 26 – Bidu criado por Maurício de Souza em 1959.
<http://www.guiadosquadrinhos.com/educacao/judoka-o-n-8/o%2000701/22433>

É preciso reconhecer que, no que diz respeito às histórias em quadrinhos infantis, Maurício de Souza é, sem dúvida, o maior sucesso brasileiro. Ao redor do seu personagem Mônica, hoje o veterano autor organizou um grupo de crianças com características universais, a já mencionada Turma da Mônica, sendo extremamente bem-sucedido em atrair e manter o interesse das crianças brasileiras durante várias décadas. (VERGUERIO, 2017, p. 71).

Outro personagem importante das histórias em quadrinhos criado em 1959 por Ziraldo Alves Pinto, foi *O Pererê*, editada pela empresa gráfica *O Cruzeiro* que enfocava a figura mais conhecida de nosso folclore *O Saci Pererê*.



Figura 27 - O Pererê de Ziraldo Alves Pinto.

<https://planetamongo.wordpress.com/category/comics-quadrinhos-desenhistas/alvaro-de-moya/>

Ao final da década de 60 foram lançados os personagens como *O Pato* de autoria de Ciça, *Capitão Cipó*, de Daniel Azulay, *Rango* de Edgar Vasques e muitos outros. Considerado uma obra prima dos quadrinhos brasileiros foi o *Capitão Cipó*, que circulou no Jornal Correio da Manhã em 1968, retratando uma sátira ao Super-Homem.

Para Mario Feijó o último herói brasileiro a fazer sucesso foi em 1969, o *Judoka*, de Pedro Anísio e Eduardo Baron pela Editora Ebal. (FEIJÓ, 1997, p. 74).



Figura 28 - O Judoka lançado de 1969, criado por Pedro Anísio e Eduardo Baron pela Editora Ebal.

<https://www.estantevirtual.com.br/editora/panini-mauricio-de-sousa>

Apesar de todas as dificuldades, os artistas brasileiros voltados para os quadrinhos infantis ou de humor, possuem mais espaço de trabalho, por exemplo nos estúdios de Mauricio de Souza e o de Ziraldo Alves Pinto. Já os artistas que produzem quadrinhos de aventura e ação não possuem muito espaço na produção nacional. Vão para outros países, adotam pseudônimos para terem seus trabalhos reconhecidos.

Eventos e congressos acontecem hoje no Brasil, versões digitais facilitam esse mercado a partir do momento que primeiramente são lançados eletronicamente para depois se tornarem impressos, se houver procura. Os desenhistas brasileiros se esforçam para inserir conteúdos, personagens e roteiros nacionais de boa qualidade com algo diferenciado continuamente.

Neste capítulo vimos que a história das histórias em quadrinhos foi difundida com diferentes narrativas e marcos definidores. Percebemos que os quadrinhos sempre tiveram um caráter facilitador no momento que envolve o leitor nas narrativas trazidas por seus autores permitindo interpretações e apropriações participativas.

Através das sequências de imagens estáticas o leitor é trazido para o fato ou tema abordado. Mesmo no campo da mídia impressa, lugar privilegiado pelos quadrinhos em seus primórdios, a linguagem das histórias em quadrinhos, com sua extensão lúdica, tornava acessível os temas políticos, econômicos e sociais que trazia em suas representações, inclusive com certa gama pedagógica.

No caso brasileiro, em particular, o uso dos quadrinhos no início do século XX adquire um sentido pedagógico mais intenso pelo uso dos personagens joviais e do tom humorístico e informal. Podemos compreender que tais narrativas chamavam a atenção das pessoas de poucas letras e, mesmo das crianças que se atraíam pelos desenhos divertidos e mais próximos de suas formas de comunicação.

Neste sentido, podemos notar e reconhecer que desde seu surgimento, os quadrinhos possuem um caráter Educomunicativo e acreditamos na sua utilização ao longo dos tempos se adequando às novas tecnologias. Esse processo é colaborativo e enriquecedor. Permite novas possibilidades e experiências entre os multiplicadores do conhecimento.

3. Metodologia e análise

Para a construção deste trabalho e no intuito de atingir os objetivos de analisar o uso ou não desse recurso didático-pedagógico dentro do contexto Educomunicação, realizamos um levantamento bibliográfico de obras relacionadas às histórias em quadrinhos, formulação de perguntas abertas e fechadas direcionadas especificamente aos docentes de Escolas Públicas e Privadas de todos os níveis de ensino e entrevistas com profissionais especializados da área.

Para o questionário, o propósito foi de identificar se os professores se utilizam ou poderiam utilizar os quadrinhos como recurso didático-pedagógico para o processo de ensino-aprendizagem e/ou qual seria o motivo de não considerarem seu uso.

Já nas entrevistas o objetivo foi entender como especialistas na área avaliam o uso desse recurso didático e em quais disciplinas entendem ser mais apropriado. Apresentar as dificuldades que identificam na prática docente e se o consideram estimulantes para o processo de aprendizagem.

Ao analisarmos os resultados que serão trazidos neste capítulo, houve a preocupação em verificar se os entrevistados e especialistas dariam enfoque na Educomunicação, mesmo não contendo o termo expressamente inserido. Tal preocupação se justifica, pois as histórias em quadrinhos se encaixam como um recurso de linguagem mediática e muitas vezes são tratadas de maneira simplista.

Outra preocupação foi verificar se os professores se colocavam como facilitadores no processo de ensino-aprendizagem ou consideram-se os únicos responsáveis descartando uma pedagogia compartilhada e libertadora como acreditamos e como é defendida por Paulo Freire já citado inicialmente.

O intuito da escolha entre o universo abrangido entre Escola Pública e Particular dos entrevistados foi para verificar se percebem ou mesmo participam de algum projeto, movimento ou programa como, por exemplo, das criações das bibliotecas escolares.

Aspectos da Educomunicação alinhados aos conceitos de uma prática pedagógica compartilhada contribuem para a formação de indivíduos mais críticos que fazem com que a sociedade se desenvolva e cresça econômica, política e culturalmente. É preciso motivar as crianças e jovens dessa nova geração que já nascem conectados às mídias e que já possuem esse “canal” de comunicação latente. Essa motivação deve vir de maneira lúdica, mas com critério e propósito dentro de um planejamento curricular adequado e participativo.

3.1 Questionário dirigido aos professores

Enviamos oitenta questionários por e-mail para professores de diferentes níveis de ensino e disciplinas de Escolas Públicas e Privadas durante os meses de novembro e dezembro de 2018. Os professores que receberam a solicitação para responder o questionário foram identificados através de círculos de amizade e colegas de magistério.

Embora de fundamental importância, o questionário em questão não teve caráter obrigatório, ficando a cargo de cada um a sua manifestação a respeito do tema histórias em quadrinhos.

Após o envio do questionário por e-mail, estipulamos 30 (trinta) dias de prazo para a conclusão do referido questionamento, o que foi totalmente observado e cumprido. No entanto, dos 80 (oitenta) questionários enviados, 43 (quarenta e três) foram respondidos e fazem parte de toda análise desse processo.

As questões foram dirigidas de maneira abertas e fechadas relacionadas ao tema da pesquisa, com o objetivo de analisar as reações, nível de aceitação e/ou de dificuldades dos professores em trabalhar com histórias em quadrinhos em sala de aula. Essas perguntas estão transcritas no apêndice.

Percebemos que dentro do grupo de professores que responderam a pesquisa, que foram 43 (quarenta e três), encontramos a maioria do sexo feminino e com nível de escolaridade superior completo. Ministram aulas no Ensino Profissionalizante seguido pelo Fundamental II.

Nesse sentido, observamos a quantidade maior na faixa etária de 30 a 40 anos. Esses dados pessoais foram solicitados no início do preenchimento da pesquisa. Houve época em que as histórias em quadrinhos não eram vistas com bons olhos nas escolas, porém hoje, os parâmetros do MEC incentivam o seu uso, assim é preciso conhecer as possíveis aplicações deste produto cultural como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem criando dessa forma oportunidades para os professores com a faixa etária acima especificada.

Com as duas primeiras perguntas notamos que a maioria concorda em utilizar as histórias em quadrinhos para aprendizagem em sala de aula e que consideram seu uso. Tal resultado corrobora com minha opinião que é possível a utilização das histórias em quadrinhos como facilitador da aprendizagem.

Observamos, no entanto, que os professores estão disponibilizando ou se comprometendo a utilizarem as histórias em quadrinhos mais como entretenimento sem se preocuparem com o propósito que defendemos serem tão importante para o processo de aprendizagem. Criticamos essa maneira simplista de utilização, pois acreditamos no tratar do lúdico com propósito. Ter os objetivos definidos é essencial para sua utilização.

Entendemos que o simples fato de disponibilizar ou mesmo construir qualquer histórias em quadrinhos em sala de aula não implica no uso completo ao qual propomos neste trabalho. Acreditamos que a construção dos quadrinhos em sala de aula junto com os alunos é uma excelente iniciativa, porém tem que haver a preocupação com o transmitir do conteúdo e preparo do professor. Ele precisa conhecer a linguagem dos quadrinhos, reconhecer a importância como material mediático, correlacionar desenho e texto com aprofundamento.

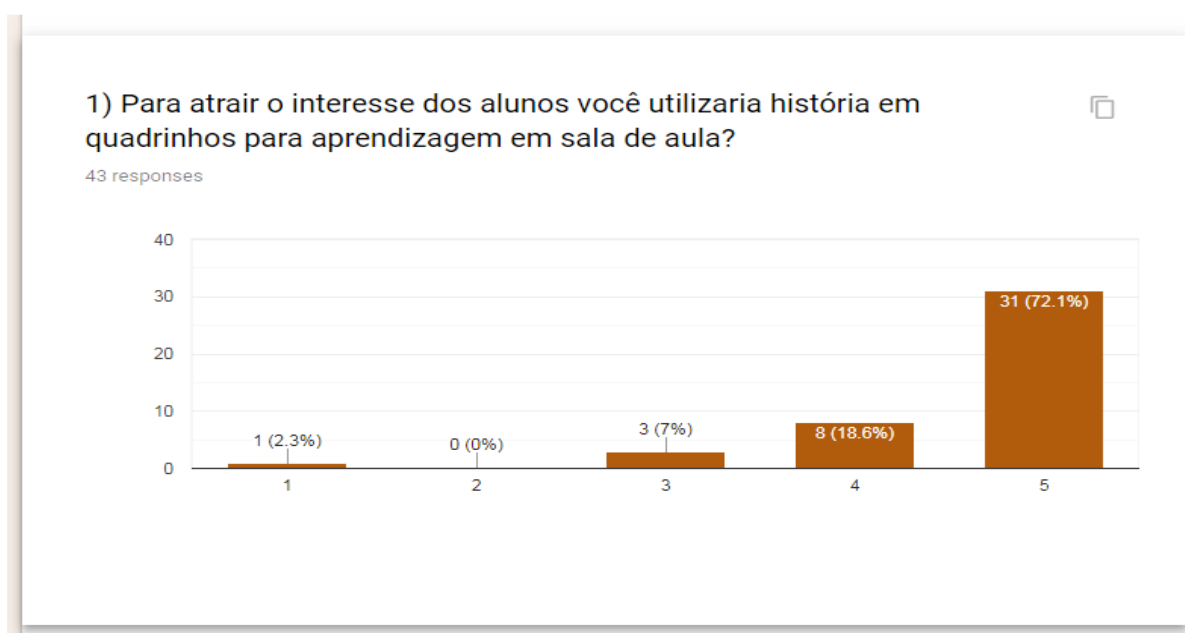


Gráfico 01 – Utilização / atrativo

<https://docs.google.com/forms/d/1LXkLxjfeuc50-mdiZHN-ReCstRjAT1qCxDfiU55DXY4/edit#responses>

Legenda: 1 não, 2 pouco provável, 3 provável, 4 muito provável e 5 sim.

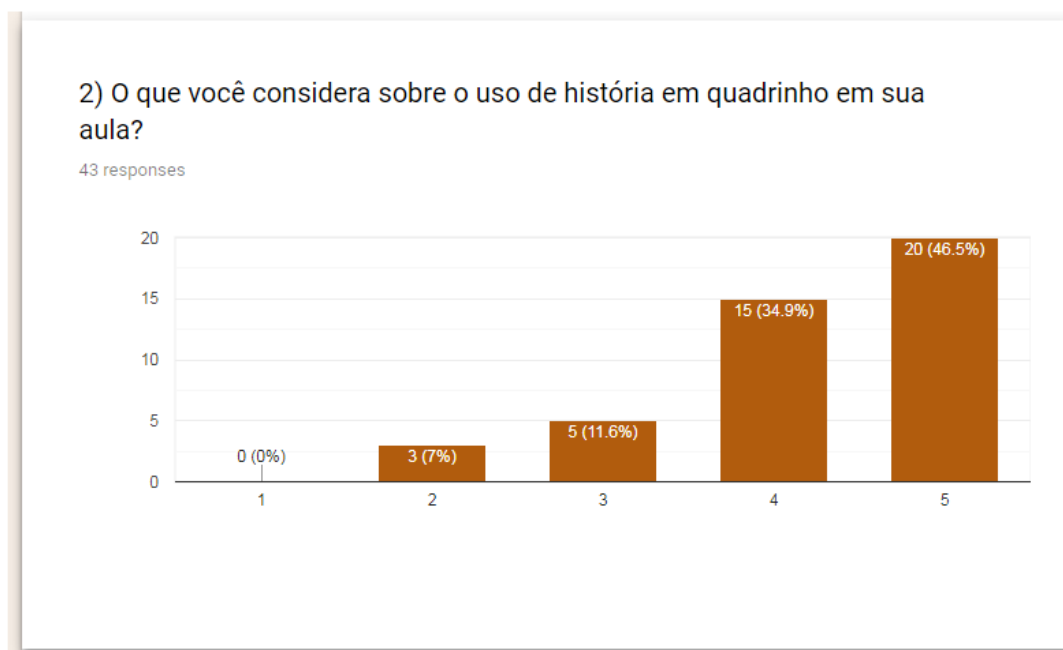


Gráfico 02 – Utilização em sala de aula

<https://docs.google.com/forms/d/1LXkLxjfeuc50-mdiZHN-ReCstRjAT1qCxDfiU55DXY4/edit#responses>

Legenda: 1 não, 2 pouco provável, 3 provável, 4 muito provável e 5 sim.

Sobre considerar difícil a sua utilização a maioria respondeu “não haver nenhuma dificuldade”, porém quando verificamos em alguns comentários dos entrevistados, são taxativos em afirmarem que: “Pouco tempo para passar o currículo não há aprofundamento nas técnicas” e “Sinto que não possuo preparo suficiente para aplicar com os alunos”. Tais afirmações demonstram que existe algum tipo de “insegurança” e para transpor esse “sentimento” o caminho é o aprimoramento que permitirá o seu uso de maneira correta. Inclusive os especialistas trazem essa questão nas entrevistas realizadas.

Atualmente, o professor tem pouco tempo para um perfeito planejamento de suas atividades, pesquisas e leituras, sendo isso um obstáculo no processo educacional. Por isso, valendo-se dessa ferramenta sugerida pelo MEC, as histórias em quadrinhos contribuem para o desenvolvimento cultural do aluno como também seu ordenamento disciplinar, na medida em que passam a fazer parte integrante do dia a dia da população infantil.

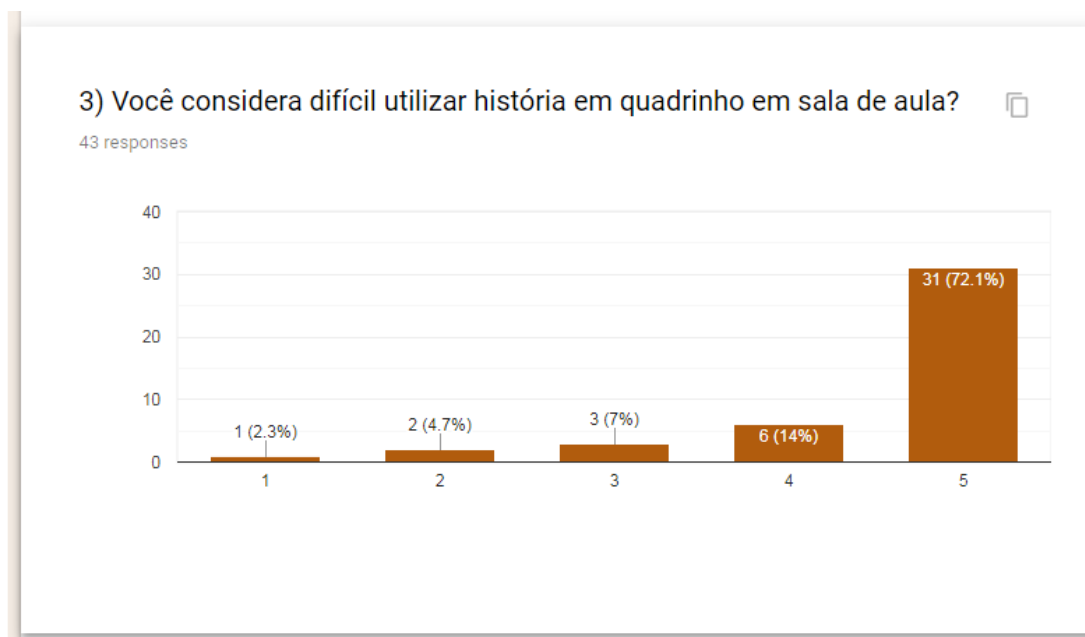


Gráfico 03 – Dificuldades.

<https://docs.google.com/forms/d/1LXkLxjfeuc50-mdiZHN-ReCstRjAT1qCxDfiU55DXY4/edit#responses>

Legenda: 1 impossível, 2 muita dificuldade, 3 alguma dificuldade, 4 pouca dificuldade e 5 nenhuma dificuldade.

Na prática docente notamos que os professores trazem as histórias em quadrinhos como recurso didático-pedagógico como conteúdo de uma aula, seguido da opção de ilustrar um tema a ser desenvolvido, o que demonstra o fator estimulante estar presente e mais de 70% (setenta por cento) dos professores responderam não perceber e não testemunhar nenhuma restrição em seu uso.

Não basta ser estimulante, é preciso haver cuidado para não ficar restrito ao lúdico e ao entretenimento. Há um contexto Educomunicativo pertinente a ser bastante explorado e que pouco foi comentado. Essa relação não apareceu nos comentários dos professores e consideramos de suma importância para a Educomunicação nos tempos atuais, na medida em que o uso das mídias na educação precisam estar presentes.

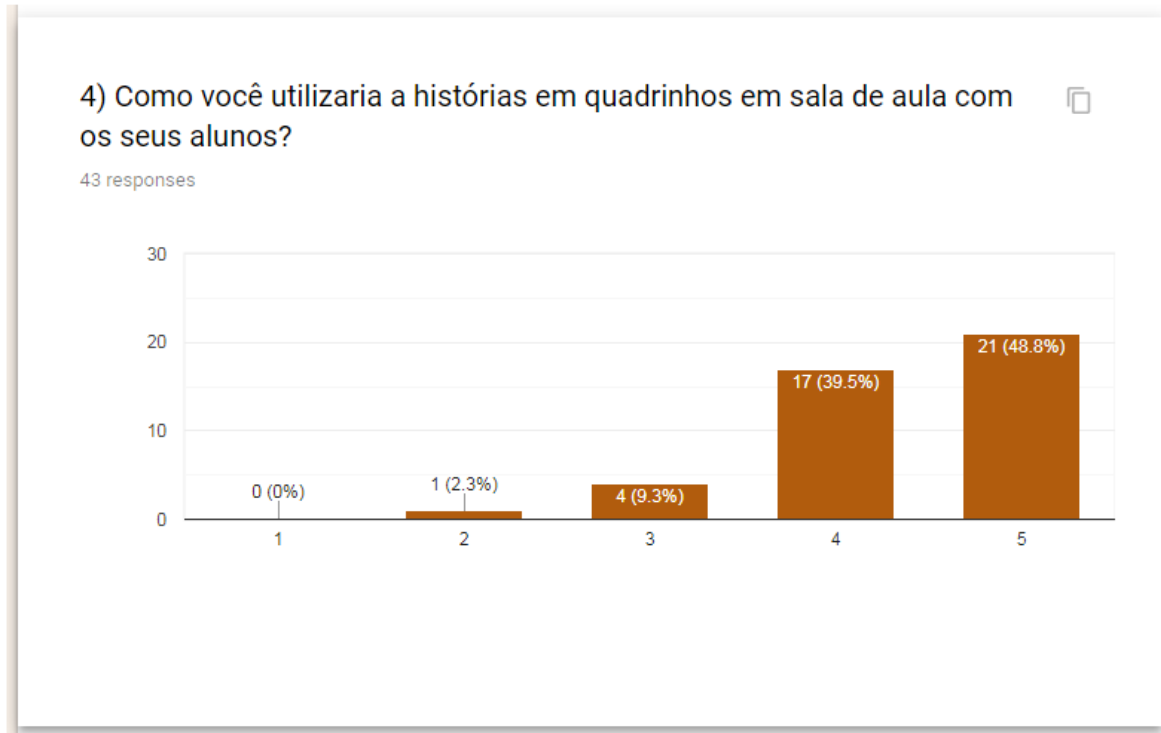


Gráfico 04 – Finalidades.

<https://docs.google.com/forms/d/1LXkLxjfeuc50-mdiZHN-ReCstRjAT1qCxDfiU55DXY4/edit#responses>

Legenda: 1 não utilizaria, 2 como forma de integração entre os alunos, 3 para iniciar um novo tema, 4 para ilustrar tema desenvolvido durante a explicação e 5 como conteúdo de uma aula.

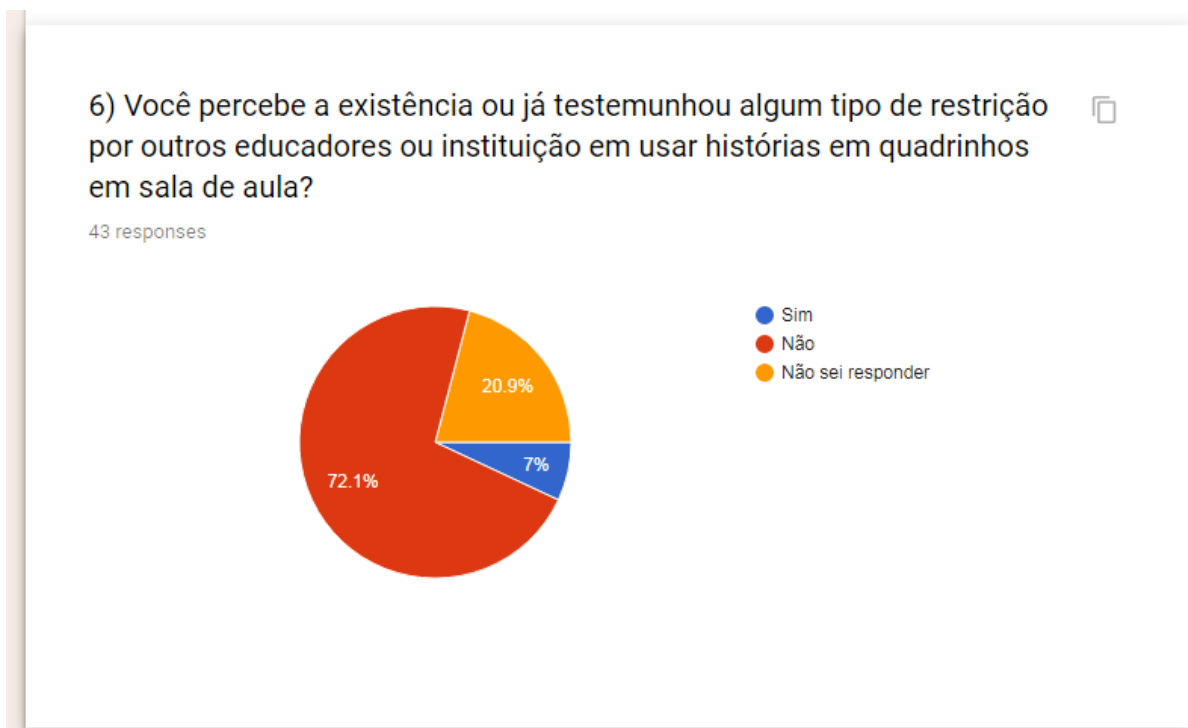


Gráfico 05 – Restrições.

<https://docs.google.com/forms/d/1LXkLxjfeuc50-mdiZHN-ReCstRjAT1qCxDfiU55DXY4/edit#responses>

Notamos que as histórias em quadrinhos estão inseridas na sala de aula, talvez de forma tímida no que tange ao potencial que oferecem, mas são aceitas e utilizadas como recurso didático-pedagógico pelos entrevistados, ou seja, seu uso não é descartado como meio de comunicação, fazendo parte da Educomunicação, com sua linguagem e apresentação que lhe é peculiar, apesar de pouco citada expressamente.

3.2 Entrevistas com especialistas

A primeira entrevista foi realizada com Laurivaldo Klink Junior (KLINK), bibliotecário, atualmente aposentado que chefiou, por mais de uma década, a *Gibiteca Henfil*, localizada no *Centro Cultural do Estado de São Paulo*, considerada a maior da América Latina. Especialista no assunto concedeu a entrevista que se encontra completa no apêndice.

As outras três entrevistas foram direcionadas a dois professores doutores e um mestre que militam na área docente como coordenadores e estão em constante aprofundamento de seus estudos na área educacional, que gentilmente se dispuseram de um tempo para responder algumas questões que também estão relacionadas no apêndice desta dissertação. Foram entrevistados: Adriano José Marangoni (MARANGONI), Bruno Leonardo Ramos Andreotti (ANDREOTTI) e Victor Callari (CALLARI).

Podemos analisar que o tema em questão é fascinante no que tange as memórias de infância que cada indivíduo traz em sua trajetória profissional, o que reafirma a importância para que não se deixe esquecido esse material de apoio didático, mesmo que trazido em forma digital, como podemos notar nos dias atuais.

Em 1958 já tinha em casa as revistas da Disney que eram semanais e chegavam a minha casa toda quinta-feira trazidas pelo meu pai. Em 1960 já na escola primária lia todas as revistas e as colecionava. Com um pouco mais de idade um vizinho, pouca coisa mais velho, passeava com uma sacola de feira lotada de gibis e trocava com a garotada na base de duas por uma... (KLINK, 2019)

KLINK entende que sempre houve uma resistência com os quadrinhos, no sentido de serem somente para crianças se utilizarem de forma lúdica, passatempo.

Sempre houve certa resistência no quadrinho, e uma consideração de que quadrinhos são materiais para crianças. Porém hoje em dia se percebe nitidamente pela produção de quadrinhos no Brasil e no mundo que você tem públicos específicos para cada área de conhecimento, e que a produção para cada área dessas em quadrinhos têm qualidade e as pessoas procuram. (KLINK, 2019)

A pesquisa bibliográfica e também as entrevistas, trazem que é perfeitamente possível introduzir conceitos de currículo escolar não somente para crianças, mas para adolescente de forma lúdica sim, mas com intuito não só de transmissão de conhecimento e não apenas mera ilustração. Reunindo diversão com conteúdo se transmite conhecimento.

Assim entendemos que, a utilização do lúdico, que nada mais é do que brincar e divertir-se é uma necessidade do ser humano de qualquer idade e oportuniza a aprendizagem e a criatividade do indivíduo, seu saber, seu conhecer e sua compreensão individual de mundo.

O desenvolvimento lúdico é um facilitador da aprendizagem. Entendemos que para o professor inserir o lúdico é prioritário ter uma formação acadêmica para que a teoria seja desenvolvida através da prática e para isso as aulas devem ser dinamizadas e o conceito de Educomunicação introduzido e trabalhado na sala de aula.

Certamente as histórias em quadrinhos terão outras formas de veiculação, ainda mais diferentes das quais temos hoje devido à internet, mas na opinião de KLINK sempre haverá espaço para elas seja qual for sua forma de aquisição e público que a aprecie.

Acredito que existe um futuro para os quadrinhos, mas ele não vai mais acontecer de forma seriada, como nós conhecemos há quarenta ou cinquenta anos atrás. Antes você corria para a Banca de Jornal para comprar um material. Isso não vai mais existir.irão ser outros formatos, provavelmente as pessoas estarão ainda fazendo as revistas por conta própria, a internet será uma forma de veicular esse material. A compra e venda será toda pela internet. Não será mais cara a cara. Então terá que ter mais opções de lançamentos, eventos, para que as pessoas possam ter contato e poder vender e manipular o material porque às vezes você compra pela internet, mas você não pode manusear, folhear e dizer “gostei”, “levo” ou “não gostei”! Só é possível ao vivo e a cores! Futuro? Existe! – Vai continuar existindo quadrinhos e por muito tempo! E o papel? – Ainda por muito tempo. Nós não vamos ver esse momento de não ter em papel! (KLINK, 2019)

Atualmente é muito mais fácil o acesso ao computador e aos recursos que ele nos proporciona tornando-se um facilitador não só de aprendizagem, mas também de pesquisas, por isso acreditamos e concordamos plenamente com o KLINK.

Em uma pesquisa realizada em 2014, citada por ANDREOTTI, as histórias em quadrinhos figuraram como o gênero literário preferido de estudantes da Rede Pública Estadual de São Paulo.⁷ A pergunta era de múltipla escolha e o aluno poderia escolher mais de uma resposta para a seguinte questão: “que tipo de livro você gosta de ler?”. O resultado obtido foi de 45% dos estudantes do ensino Fundamental e Médio escolheram a narrativa em tiras. O questionário foi aplicado em 1 milhão de estudantes do 3º, 5º, 7º, e 9º anos do ensino Fundamental, além da 3ª série do ensino Médio. Sendo as histórias em quadrinhos bem aceita pelos alunos, revela as chances de um maior engajamento, conforme compartilhamos da mesma opinião de ANDREOTTI:

Sem dúvida. Essa é uma linguagem muito familiar e querido às crianças e adolescentes. Em uma pesquisa realizada com estudantes da Rede Pública Estadual de São Paulo, em 2014, as histórias em quadrinhos figuraram como o gênero literário preferido. Penso que isso revela que as chances de que os alunos tenham um maior engajamento em uma situação de aprendizagem que utilizem histórias em quadrinhos sejam maiores, sendo um importante fator estimulante do processo de ensino aprendizagem. (ANDREOTTI, 2019)

Noto que KLINK defende e apoia a existência das Gibitecas, mas acreditamos que o simples fato de existir o local não garante o sucesso das histórias em quadrinhos. É preciso engajamento de profissionais com o mesmo propósito para incentivar a leitura e seu uso em outras áreas do conhecimento e estudo.

A respeito de como os entrevistados avaliam o uso dos quadrinhos dentro das instituições de ensino, ANDREOTTI e CALLARI, reconhecem o aumento do uso dos quadrinhos e atribuem este crescimento às competências existentes na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que permite a utilização de diferentes linguagens e às propostas como PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola)⁸, o que concordamos com eles, mas notamos que na vivência docente, os


⁷ <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral/quadrinhos-e-o-estilo-de-leitura-preferido-de-45-dos-alunos-da-rede-estadual-de-sp,1114325>

⁸ <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola> - PNBE- Programa Nacional Biblioteca da Escola.

materiais não são explorados em sua totalidade e inclusive alguns são descartados aleatoriamente.

De maneira geral o uso de histórias em quadrinhos em instituições de ensino, especialmente na Educação Básica vem aumentando. Há um crescente interesse dos docentes em utilizar essa linguagem em suas aulas e também a pesquisa sobre o uso didático de histórias em quadrinhos vem aumentando. Atestam esse interesse o número expressivo de inscritos no curso *Quadrinhos em Sala de Aula*, cerca de 70.000. É também importante lembrar que entre as 10 Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estão a competência 3 que visa a ampliação do repertório cultural para fruir e participar de práticas diversificadas da produção artística-cultural e sua valorização, bem como a competência 4, Comunicação, que prevê a utilização de diferentes linguagens para expressar, partilhar informações e experiências para produção de sentido e entendimento mútuo. Essas competências dialogam diretamente com o potencial das histórias em quadrinhos em sala de aula. (ANDREOTTI, 2019)

A relação das instituições de ensino com as histórias em quadrinhos mudou bastante nos últimos anos, inclusive acompanhando o crescente prestígio tanto social quanto acadêmico que as HQs passaram a desfrutar. Nas últimas décadas, a presença das histórias em quadrinhos em propostas como PNBE permitiu que elas passassem a frequentar as salas de aula com maior frequência. Contudo, nem todos os profissionais estão preparados para utilizar as HQs como ferramentas didáticas, o que significa que por mais que seu uso tenha crescido de forma expressiva, quase sempre ele está restrito à ilustração, ou ainda a exemplificação de figuras de linguagem ou formas de escrita, desconsiderando todo o potencial que a narrativa construída entre texto e imagem pode ofertar. (CALLARI, 2019)



COMPETÊNCIAS GERAIS DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e inventar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Desenvolver o senso estético para reconhecer, valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também para participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas e com a pressão do grupo.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões, com base nos conhecimentos construídos na escola, segundo princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Figura 29 - 10 Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf.

Quando perguntados a respeito se as histórias em quadrinhos atingem seus objetivos como recurso didático-pedagógico, todos trouxeram a ressalva relacionada aos objetivos que se deseja atingir. Ou seja, é necessário ter planejamento e critério na sua utilização, para se alcançar o que se deseja. Inclusive ANDREOTTI destaca que: “Não são todos os objetivos de aprendizagem que serão melhores alcançados por meio dos quadrinhos” e para CALLARI, ainda são poucos os professores preparados para utilizarem os quadrinhos em sala de aula.

Para ilustrar a importância do objetivo que se deseja alcançar, MARANGONI, apresenta o seguinte exemplo de utilização:

Por exemplo, você pode apresentar uma série de nuances políticas sobre o isolacionismo dos Estados Unidos no começo da 2ª Guerra Mundial a partir da leitura comentada dos discursos congressionais entre 1939 e 1941. Ou você pode mostrar a capa do 1º número do Capitão América, onde dá um soco na cara de Adolf Hitler, isso em março de 1941, ou seja, 10 meses antes do ataque à Pearl Harbour e a entrada dos EUA na 2ª Guerra. Os dois recursos são essenciais, mas a compreensão do significado histórico de cada um fica mais claro quando contrapostos um ao outro. (MARANGONI, 2019)

Aliado ao exemplo citado acima, foram trazidos nas respostas dos especialistas que reafirmam que é preciso ter objetivos e critérios bem definidos, pois influenciam no senso crítico dos indivíduos. Ir além da ilustração com planejamento traz um retorno no aprendizado. Nesse sentido, destacamos as disciplinas de História, Geografia e Língua Portuguesa como as mais apropriadas. Vale destacar MARANGONI ao afirmar que muitas vezes acaba aprendendo junto com os alunos, como já citado no trecho de PAULO FREIRE com sua educação libertadora e a qual compartilhamos do mesmo pensamento.

Minha experiência no magistério é na História, então é difícil responder como outras áreas podem usar as HQs de forma mais apropriada. Na História Contemporânea, minha área de concentração, que vai do século 19 até o 21, os quadrinhos são o recurso mais rico e com maior potencial de abordagens, até mais que o cinema. Grande parte porque existem quadrinhos sobre praticamente todo item curricular que as instituições de ensino trazem nos cursos. Minhas investidas em outras áreas, como Comunicação ou Jornalismo, acabam puxando mais para os aspectos narrativos das HQs, estruturas de roteiro, marcos de comercialização, transformações nas formas de produção gráfica, que são temas que eu visito, mas que acabo aprendendo junto com os alunos. (MARANGONI, 2019)

Se levarmos em consideração o ENEM e outros importantes vestibulares do país como parâmetro, podemos constatar que sua principal utilização está nas aulas de gramática, mas outras áreas como História e Geografia também costumam fazer uso das HQs. Em um artigo publicado pela UnB, apresentei dados de que existem pesquisas acadêmicas em áreas tão diferentes quanto: Pedagogia e Medicina. Dessa forma, o que posso concluir, é que o uso adequado das histórias em quadrinhos depende muito mais do conhecimento do docente e de seus objetivos. (CALLARI, 2019)

Desconhecimento do que são as histórias em quadrinhos e familiaridade com sua linguagem, aliados a falta de preparo dos professores foram os motivos apontados para a questão sobre as dificuldades encontradas em se trabalhar com esse recurso didático-pedagógico. Esses motivos podem ser trabalhados através de oferecimento de cursos de educação continuada, pesquisas sobre o assunto e prática pedagógica, inclusive já existe licenciatura em Educomunicação, oferecida pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP.

A principal dificuldade reside no desconhecimento. O primeiro deles é um desconhecimento do que são as histórias em quadrinhos para além dos gêneros dos super-heróis ou da turma da Mônica, apenas para focar nos mais tradicionais. O segundo problema reside no desconhecimento da linguagem, do entendimento do papel que a “sarjeta” possui na leitura, como o tamanho ou a disposição dos quadros afeta o leitor, dos diferentes estilos dos artistas, o que contribui para seu uso pontual. (CALLARI, 2019)

Acho que a maior dificuldade dos educadores é a falta de familiaridade com esse tipo de linguagem. Infelizmente ainda temos uma parcela de educadores que tendem a ver os quadrinhos como algo menor frente à literatura, por exemplo. Não é raro que recomendem adaptações em quadrinhos de obras clássicas como “porta de entrada”. O que está subjacente à essa concepção é a dificuldade em entender os quadrinhos como uma linguagem e forma de arte própria. (ANDREOTTI, 2019)

As entrevistas se encerram tratando a respeito se as histórias em quadrinhos podem ser consideradas como fator estimulante para o processo de ensino-aprendizagem e nesse sentido confirmamos que sem dúvida as consideram, mas o termo “arriscado” mencionado por MARANGONI, mais uma vez remete aos objetivos, critérios e preparo que cabem ao professor possuí-los claramente para que somente assim o processo de ensino-aprendizagem flua adequadamente tendo como material de apoio as histórias em quadrinhos.

Sem dúvida. Mas ao mesmo tempo é bastante “arriscado”. As HQs nasceram entre a crítica, o escapismo e o entretenimento. Sem uma intenção bastante clara do que se quer ensinar, é fácil encerrar a aula sob o efeito inebriante que os quadrinhos foram criados para ter, é um equilíbrio delicado. Mas com a prática (e muitos erros), você – docente – e o aluno passam a ficar atentos a observar as nuances implícitas que não só existem nos quadrinhos, mas em todo texto, todo discurso, toda imagem. É uma forma bastante rica de se aprender a olhar o mundo. (MARANGONI, 2019)

Com os questionários e as entrevistas analisamos que o fator presente na utilização dos quadrinhos está na preparação dos professores, pois tanto os questionários quanto as entrevistas convergem para este fator de qualificação dos profissionais. O questionário traz nos comentários e as entrevistas nas vivências dos especialistas.

As histórias em quadrinhos jamais substituirão os livros didáticos, mas proporciona acesso a informação, na medida em que os conhecimentos são adaptados para o formato dessa linguagem. Correlacionando às entrevistas com o contexto da Educomunicação percebemos que todos os especialistas concordam que as histórias em quadrinhos educam através de sua linguagem, sendo um recurso didático-pedagógico que defendemos ao longo desta dissertação, pois possui grande potencial de utilização.

Apresentamos abaixo um rol de dificuldades e facilidades, de forma sintetizada fruto de nossas conclusões ao analisar as respostas dos questionários e as entrevistas realizadas com o objetivo de auxiliar na prática docente e minimizar as dificuldades:

<u>Facilidades</u>	<u>Dificuldades</u>
Entretenimento que reforça conteúdo;	Qualificação do professor;
Estimulante - proporciona o hábito pela leitura;	Tempo disponível para cumprir o planejamento escolar;
Amadurecimento emocional que permite escolher o tipo de leitura;	Adaptação ao conteúdo a ser aplicado;
Material de apoio didático-pedagógico;	Familiaridade com o tipo de linguagem;
Fácil acesso;	Resistência ao novo.
Abrange qualquer faixa etária.	

Tabela 01 – Facilidades e Dificuldades no uso das histórias em quadrinhos.

FACILIDADES

Entretenimento que reforça conteúdo

Atualmente as histórias em quadrinhos sendo utilizadas em sala de aula, podem ganhar espaço e a preferência de professores, pois abordam potencial reflexivo não só no campo artístico, como no pedagógico que até pouco tempo era considerado como simples leitura de entretenimento. Seu caráter lúdico tomou formato simples de comunicação e culminou em posição de prestígio no campo do saber. Dessa forma, acreditamos ser um espaço ainda a ser absorvido.

Estimulante - proporciona o hábito pela leitura

Torna-se uma leitura estimulante uma vez que o aluno pode a seu querer e criatividade se utilizar de fatos históricos para compor uma narrativa, por exemplo. Nesse sentido, o professor passa a ser um facilitador nesse processo, incentivando com material mediático, trabalhando dessa forma a imaginação e estimulando o aluno em seu inesgotável poder de criação.

Acreditamos ser essa uma das fontes básicas que facultará o meio docente ao obter maior interação com as histórias em quadrinhos.

Amadurecimento emocional que permite escolher o tipo de leitura

Com o passar dos anos, o aluno adquire o comprometimento com o seu crescimento sócio cultural, obtendo dessa forma amadurecimento nas interpretações e absorvendo com maior ênfase seus objetivos no campo educacional, podendo escolher as histórias em quadrinhos em seu desenvolvimento, permitindo de sua livre escolha o tipo de leitura a ser praticado. Obtendo assim, maior aproveitamento nas disciplinas escolares.

Material de apoio didático-pedagógico

Em se tratando de material pedagógico, as histórias em quadrinhos facilitam o acesso a uma fonte inesgotável de conhecimento na medida em que o aluno tem a sua disposição material adequado, contribuindo dessa forma para uma possível conclusão de seus objetivos, facilitando o seu desenvolvimento e crescimento educacional. Claro, que a participação do professor nesse campo é de fundamental importância, pois irá propiciar sua completa integração às histórias em quadrinhos, facilitando o acesso e mediando sua interpretação.

Fácil acesso

Houve época em que as histórias em quadrinhos não eram muito aceitas em sala de aula, como já citada anteriormente. No entanto, nos dias de hoje todo esse material pode ser acessado através da internet, como também já disponibilizados através de programas educacionais oferecidos pelo MEC proporcionando uma nova visão de conceito e aceitação desse material.

Abrange qualquer faixa etária

As histórias em quadrinhos não eram bem aceitas nas salas de aula e sua veiculação para os considerados “mais velhos” não permitiam sua visualização como sendo uma fonte de informação adequada para os meios educacionais. Porém, esse conceito deixou de existir na medida em que essas histórias em quadrinhos passaram a construir histórias das histórias, culminando com sua melhor aceitação, levando dessa forma informação a diversos canais de comunicação adentrando nos lares e alcançando as mais diversas faixas etárias.

DIFICULDADES

Qualificação do professor

Um dos motivos da falta do uso dos quadrinhos nas salas de aula está atrelado a qualificação do professor, mas que podem ser minimizados através de oferecimento de cursos de educação continuada, pesquisas sobre o assunto e prática pedagógica além de cursos de especialização voltados para essa área.

Tempo disponível para cumprir o planejamento escolar

A dificuldade que tem o professor em cumprir seu planejamento escolar está diretamente ligada à quantidade de alunos em sala de aula. Necessita muitas vezes estabelecer critérios para bem administrar seu tempo e transmitir adequadamente o conteúdo proposto. Para se obter um ritmo adequado para as aulas, deve-se estabelecer início, meio e fim e qual o tempo total de cada aula. Devido a estes fatores, as histórias em quadrinhos deixam de ser exploradas diante do potencial que possuem como recurso didático-pedagógico.

Adaptação ao conteúdo a ser aplicado

O professor pode entre outros objetivos adaptar seu planejamento, inserindo as histórias em quadrinhos no currículo escolar. Os critérios para que essa adaptação seja utilizada adequadamente esta condicionada a formação e qualificação do professor como já foi disposto acima. O conteúdo educacional é revestido de critérios pedagógicos, que nem sempre são passíveis de alteração em termos de aplicação das histórias em quadrinhos em sua prática docente.

Familiaridade com o tipo de linguagem

Os quadrinhos possuem uma linguagem própria que deve ser estudada para que os objetivos propostos sejam alcançados. Não se pode diminuir o potencial das histórias em quadrinhos comparando com outros autores de expressiva notoriedade de nossa literatura.

O professor, por motivos de seus múltiplos afazeres em sala de aula, nem sempre está familiarizado a esse amplo vocabulário, dificultando sua interpretação e ficando até certo ponto com dificuldade em adaptar o conteúdo a ser transmitido aos alunos muitas vezes jovens que desconhecem tais personagens.

Resistência ao novo

Pequena parcela de professores apresenta resistência ao novo, achando que algo será perdido ou que não será possível trazer os resultados esperados. Porém, não se pode estagnar em educação. Os alunos cada vez mais solicitam algo novo, diferente e já possuem uma carga de informações novas todos os dias. Se faz necessário, acompanhar essa alteração, estudando, se adaptando, instruindo e buscando novos meios midiáticos para atuação pedagógica.

Neste capítulo, concluímos que através dos questionários, das entrevistas, análises de respostas e interpretações pessoais podemos claramente observar que é através do professor que as histórias em quadrinhos podem ser bem utilizadas diante do grande potencial de recurso pedagógico que possuiu. O professor sem dúvida é um facilitador dentro do processo de ensino-aprendizagem e que contribui substancialmente para a formação da personalidade dos cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de analisar a percepção dos professores de ensino fundamental, médio e profissionalizante frente a utilização ou não dos quadrinhos em sala de aula e quais seriam os motivos para não o utilizarem, chegamos a algumas considerações quando se discute o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, nos processos de ensino-aprendizagem: qualificação e preparo do educador.

Os aspectos que chamam atenção nos questionários aplicados na pesquisa aqui relatada e, também, nas opiniões dos especialistas trazidos nas entrevistas são de que os docentes concordam que poderiam sim utilizar os quadrinhos em sala de aula, porém em alguns casos não se sentem qualificados e/ou preparados para tal prática didática-pedagógica.

Na prática pedagógica vivencio com meus colegas de magistério a mesma dificuldade que foi apontada nas respostas ao questionário e acredito que os grupos de estudos são salutares para que essa questão venha a diminuir, aliada a cursos de preparação condizente.

Na perspectiva da Educomunicação, as histórias em quadrinhos são um meio de comunicação com texto e imagens próprios que podem ser sim utilizados como recurso didático-pedagógico enriquecedor e estimulante. Os meios de comunicação estão inseridos no cotidiano e não há mais como negar que fazem parte de nossa Educação. Os meios de comunicação e o processo comunicacional têm uma dimensão pedagógica. E no caso dos quadrinhos isso fica ainda mais evidente, dado o envolvimento que eles possibilitam às crianças e adolescentes.

As mídias eletrônicas estão cada vez mais presentes no cotidiano dos alunos que possuem uma condição socioeconômica para tal, mas também temos um público carente de acesso às tecnologias que precisam ser atendidos.

Acreditamos que em diversos grupos é possível se utilizar das histórias em quadrinhos como recurso didático-pedagógico facilitador da aprendizagem de maneira lúdica e estimulante com critérios estabelecidos e estudados, seja ela em formato digital ou mesmo impressa.

As histórias em quadrinhos aliadas a um enredo de conteúdo variável levam os alunos a compreenderem assuntos que entendemos ser complexos e com maior grau de dificuldade para sua assimilação. Nós professores, podemos despertar o interesse dos alunos através dessa ferramenta de apoio, orientando-os no processo de aprendizagem e criando uma relação muito mais próxima professor-aluno.

Percebemos nas entrevistas com os especialistas que o uso mais apropriado das histórias em quadrinhos encontra-se nas disciplinas de História, Geografia e Língua Portuguesa, não sendo descartada a sua utilização nas demais disciplinas, como nas Artes, Ciências e Biologia, sendo inclusive possível o uso em trabalhos interdisciplinares reforçando o conceito de Educomunicação que traz vários meios de comunicação interligados com a educação. Ou seja, os meios de comunicação podem ser compreendidos como meios de educação e as histórias em quadrinhos podem ser usadas como recursos didáticos em um processo que une educação e comunicação. Compartilho com esse entendimento, pois inclusive já possuímos amparo legal na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que nos permite a utilização de diferentes linguagens e propostas tal como o PNBE (Programa Nacional de Biblioteca da Escola) que permitiu que as histórias em quadrinhos passassem a frequentar as salas de aula com maior frequência.

A percepção de educadores sobre o uso das histórias em quadrinhos na sala de aula na perspectiva da Educomunicação é um processo construtivo, pois contribui com informações e com experiências na sociedade midiaticizada no que pude perceber neste estudo.

Muitas histórias em quadrinhos, como foram relatadas na parte sociocultural desta dissertação trouxeram assuntos e fatos relevantes que influenciaram jovens e adultos de vários períodos da história mundial. Acreditamos que o texto aliado à imagem trazidos através de uma linguagem própria dos quadrinhos possa contribuir positivamente para o desenvolvimento político, sociocultural de uma sociedade e que os professores auxiliem na formação de cidadãos cada vez mais críticos e participativos.

Importante salientar que as Instituições de ensino devem e podem investir em formação continuada dos professores para o uso dos quadrinhos em sala de aula. Por sua vez, os professores também devem e podem buscar novas maneiras de transmitir conhecimento através de várias formas, como por exemplo, em minha vivência, levamos alunos para exposições e feiras que tem ligação com as disciplinas em que atuo e que possam despertar interesse sobre o

assunto que estamos trabalhando em sala de aula. Uma de nossas visitas mais recente foi na exposição sobre quadrinhos no MIS (Museu da Imagem e do Som) localizado em São Paulo-SP. Inclusive, tive o prazer de reencontrar antigos alunos que vivenciaram essas experiências comigo e noto como essas atitudes os influenciaram positivamente, até em suas escolhas profissionais.

Sabemos que ser professor é uma tarefa árdua, mas extremamente gratificante quando reconhecemos nossos esforços ao ver alunos se desenvolverem como cidadãos.

Reconhecemos não se encerrar a presente dissertação com os argumentos e enfoques apresentados, mas esperamos que outras pesquisas sejam objeto de estudo a ser explorado no universo deste recurso didático-pedagógico relacionando-o sob a perspectiva da Educomunicação, para aulas mais prazerosas contribuindo para o processo de aprendizagem, sempre aliado a um planejamento e a uma orientação pedagógica adequada.

Concluimos esta etapa de estudo com o sentimento de dever cumprido, ao menos como período de estudo, mas com a certeza de que a pesquisa ora relatada proporciona outros temas a serem aprofundados no contexto dos recursos midiáticos, como por exemplo, histórias em quadrinhos que se tornaram filmes. Inclusive nesse sentido, o filme “*Pantera Negra*” acaba de ganhar o Oscar 2019, em três categorias.⁹ O filme retrata um super-herói negro, rei T`Challa, que defende sua nação Wakanda, a mais avançada do Universo Marvel. O campo a ser pesquisado é vasto, porém quanto mais se restringe, melhor resultado se obtém.

Outro tema que podemos explorar em novas pesquisas seria o uso das histórias em quadrinhos como recurso didático-pedagógico nas aulas de Língua Portuguesa e História no ensino fundamental especificamente, pois reconhecemos as limitações e delimitações da presente dissertação, fazendo com que busquemos sempre novos desafios a fim de proporcionarmos aos alunos algo de melhor, atualizado e participativo. Entrevistas com educadores de cada área específica também seriam bastante enriquecedoras no qual nos permitiria compreender quais seriam as suas percepções frente a este recurso didático-pedagógico.

⁹ <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/acompanhe-a-premiacao-do-oscar-2019/> - Acesso em 26 de fevereiro de 2019.

O aprendizado é algo contínuo e nesse sentido os professores podem e devem sempre buscar diferentes formas de transmissão de conhecimento. Com conteúdos apropriado são capazes de tornarem as aulas mais atraentes e estimulantes para os alunos. Reforçamos que não será o principal agente, mas sim um recurso didático-pedagógico de apoio.

A Educação deve ser a principal preocupação para o desenvolvimento individual e social e as histórias em quadrinhos são fascinantes, basta termos consciência da sua importância didática-pedagógica frente a uma perspectiva Educomunicacional.

Referências bibliográficas

- BARBIERI, Daniele. **As Linguagens dos Quadrinhos**. São Paulo: Petrópolis, 2017.
- BARI, Valéria. **Leitura escolar e histórias em quadrinhos: fruição intelectual, criatividade e formação de gostos de leitores**. Revista USP Nona Arte, vol. 1, n. 2, 25-33, 2012. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/99715/98149>
- CALAZANS, Flavio. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.
- CANDAU, Maria Vera. **Rumo a uma nova didática**. São Paulo: Vozes, 1990.
- CHINEN, Nobu. **Linguagem HQ: conceitos básicos**. São Paulo: Criativo, 2011.
- Eco, UMBERTO. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FEIJÓ, Mario. **Quadrinhos em ação: um século de história**. Coleção Polêmica, São Paulo: Moderna, 1997.
- FEIST, Hildegard. **Pequena viagem pelo mundo da arte**. São Paulo: Moderna, 2003.
- FONTES, Martins. **O livro da arte**. Tradução: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____ **Extensão ou Comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.
- GUSMAN, Sidney. **Quadrinhos também têm história**. Revista Wizard, Brasil. 18, p. 19, mar. 2005.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo: sobre a crítica da razão funcionalista**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- HIRANO, Sedi. **Pesquisa social: projeto e planejamento**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.
- IANNONE, Leila Rentroia. IANNONE, Roberto Antônio. **O Mundo das histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Editora Moderna, 1994.
- KLINK, Laurivaldo Klink Junior. Entrevista concedida pessoalmente a Gino Machado Calderolli. São Paulo, 11 de jan. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice deste trabalho].

LAVARDA, Tabatta C. F. da Silva. **Sugestões do uso de Histórias em Quadrinhos como Recurso Didático**. Disponível em:

http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25298_12321.pdf. Acesso em 22 de fevereiro de 2019.

MCCLUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradutores Hécio de Carvalho, Marisa do Nascimento Parro. São Paulo: Makron Books, 1995.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1965.

MOYA, Álvaro de. **Vapt Vupt**. São Paulo: Clemente & Gramani Editora, 2003.

OLIVEIRA, Aliandro Mendes de, Costa, Maria Paula. **Utilização das Histórias em Quadrinhos nas Aulas de História**. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_hist_unicentro_aliandromendesdeoliveira.pdf. Acesso em 21 de fevereiro de 2019.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: àtica, 2002.

RIBEIRO, Raquel. **A escola é cidade e cidade é escola: A Educomunicação aplicada à arte**. São Paulo: Choque Cultural, 2015.

SANTOS, Roberto Elísio dos, VERGUEIRO, Waldomiro. **Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática**. EccoS Revista Científica [en línea] 2012, (Enero-Abril) : [Fecha de consulta: 17 de febrero de 2019] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71523347006>> ISSN 1517-1949. Acesso em 20 de fevereiro de 2019.

SOARES, Ismar de Oliveria. **Educomunicação**. São Paulo: Paulinas, 2010.

Teoria da comunicação e filosofias da educação: fundamentos epistemológicos da Educomunicação. São Paulo: Documento de suporte à Prova de Erudição. Concurso para Professor Titular da Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa e ação**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 1986.

VALIGI, Cinzia. **Roma e Vaticano**. Itália: Plurigraf, 1994.

VERGUEIRO, Waldomiro, BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Angela. **Como usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro . **Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.

_____ **Panorama das Histórias em Quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, 2017.

Referências bibliográficas das imagens

Figura 01 - <https://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia> Acesso em 12 jan. 2019.e <https://diegomontoya77.wordpress.com/2015/03/24/mario-kaplun-y-la-estrategia-educomunicativa/> 1. Acesso em Junho 2018.

Figura 02 - <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8f/Selesten.jpg> e https://pt.wikipedia.org/wiki/Janusz_Korczak. Acesso em Janeiro 2019

Figura 03 – <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1110661909-tk0b-hq-graphic-album-01-marvel-dracula- JM>
<http://ocafe.com.br/hq/um-sinal-do-espaco-will-eisner/>
<https://www.skoob.com.br/a-morte-do-capitao-marvel-79654ed87824.html>
<https://christofoletti.com/2012/03/16/uma-lagrima-para-moebius/>
<http://submundo-hq.blogspot.com/2014/04/hq-memoria-homem-de-ferro-crash-1.html>
Acesso em janeiro de 2019.

Figura 04 - <http://www.janelaitalia.com/o-panteao-romano/>. Acesso em Janeiro de 2019.

Figura 05 – <http://www.janelaitalia.com/o-panteao-romano/> Acesso em janeiro de 2019 e acervo pessoal

Figura 06 - <http://www.blue.fr/vinci/dessins/a12.html> e <http://desenhistasautodidatas.blogspot.com/2011/09/os-trabalhos-de-burne-hogarth.html>. Acesso em Janeiro 2019.

Figura 07 - <http://laboratorioespacial.blogspot.com/2018/06/no-traco-de-hal-foster-face-da-aventura.html>. Acesso em Janeiro de 2019.

Figura 08 - <https://tintinofilo.weebly.com/ciacuterculo-de-leitores1.html> - <https://www.saraiva.com.br/o-papiro-de-cesar-asterix-n-36-9202949.html> - <https://www.rika.com.br/aventuras-de-tintim---os-charutos-do-farao19005145/p> Acesso em janeiro de 2019.

Figura 09 – <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-936919456-batman-guerra-ao-crime-alex-ross-e-paul-dini-livro- JM> Acesso em janeiro de 2019.

Figura 10 - <https://www.coladaweb.com/historia/crise-de-1929-a-grande-depressao>. Acesso em: 10 de jun. 2018.

Figura 11 - <http://baixarquadrinhos.com/Hq-Quadrinho/ler-online-quadrinho-x-men-01-1963-stan-lee-ou-baixar-em-cbr-ou-pdf/> , <http://agemt.org/?p=12522> e <https://www.geledes.org.br/elizabeth-eckford-a-mulher-que-desafiou-o-racismo-americano/>. Acesso em janeiro de 2019.

Figura 12 - <https://cabanadoleitor.com.br/orgulho-lgbtt-representatividade-e-hqs/> e <https://www.flogao.com.br/hulkesmaga/132419615>. Acesso em janeiro de 2019.

Figura 13 - <https://comicvine.gamespot.com/rodolphe-topffer/4040-71134/> e https://en.wikipedia.org/wiki/Rodolphe_T%C3%B6pffer#/media/File:Toepffer_Cryptogame_13.png. Acesso em janeiro de 2019.

Figura 14 - <https://www.dw.com/pt-br/1908-morria-o-desenhista-sat%C3%ADrico-e-escritor-alem%C3%A3o-wilhelm-busch/a-297301>. Acesso em janeiro de 2019.

Figura 15 - <https://quadrinhos.wordpress.com/tag/as-aventuras-de-nho-quim/> e https://pt.wikipedia.org/wiki/Angelo_Agostini. Acesso em janeiro 2019.

Figura 16 - <http://labaredacarmim.blogspot.com/2016/01/a-historia-das-historias-em-quadrinhos> e https://en.wikipedia.org/wiki/Richard_F._Outcault. Acesso em janeiro de 2019.

Figura 17 - <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/80-anos-do-super-homem-relembre-os-atores-que-encarnaram-homem-de-aco-nas-telas-22603130>. Acesso em janeiro de 2019.

Figura 18 - [http://www.wikiwand.com/pt/Batman_\(revista_em_quadrinhos\)](http://www.wikiwand.com/pt/Batman_(revista_em_quadrinhos)). Acesso em janeiro de 2019.

Figura 19 - <https://www.comixology.com/Captain-America-Comics-1941-1950-1/digital-comic/490>. Acesso em 10 de junho de 2018.

Figura 20 - <https://omelete.com.br/quadrinhos/artigo/batman-e-a-iseducao-do-inocentei/> e <https://colunaae.wordpress.com/category/hq/>. Acesso em 10 de junho de 2018.

Figura 21 - Fontes: <http://www.livrosepessoas.com/tag/fredric-wertham/> Acesso em junho de 2018.

Figura 22 - <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/tico-tico-o-n-1/ti173100/24467>. Acesso em janeiro de 2019.

Figura 23 - <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/suplemento-juvenil-edicao-especial/ma220102/92437> Acesso em janeiro de 2019.

Figura 24 - <https://designices.com/o-amigo-da-onca-1943-1961-por-pericles/> Acesso : 20 Janeiro de 2019 e <https://focusfoto.com.br/exposicao-fotografica-sobre-revista-o-cruzeiro-e-apresentada-no-rj/> Acesso em janeiro de 2019.

Figura 25 - [http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/perere-n-1\(1960\)/pe070100/41374](http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/perere-n-1(1960)/pe070100/41374)
Acesso em janeiro de 2019.

Figura 26 - <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/judoka-o-n-8/o%2000701/22433>. Acesso em janeiro de 2019.

Figura 27 – <https://planetamongo.wordpress.com/category/comics-quadrinhos-desenhistas/alvaro-de-moya/> - Acesso em fevereiro de 2019.

Figura 28 - <https://www.estantevirtual.com.br/editora/panini-mauricio-de-sousa> - Acesso em fevereiro de 2019.

Figura 29 –

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf.

Acesso em fevereiro de 2019.

Gráficos de 01 à 05 - <https://docs.google.com/forms/d/1LXkLxjfeuc50-mdiZHN-ReCstRjAT1qCxDfiU55DXY4/edit#responses>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

II - ENTREVISTAS COM ESPECIALISTAS

LAURIVALDO KLINK JUNIOR

Conduzida presencialmente em 11 de janeiro de 2019.

Nascido em 23 de julho de 1954 em São Paulo.

Bacharel em biblioteconomia pela Fundação Escola de sociologia e política de São Paulo 1980.

Funcionário responsável pela primeira Gibiteca Henfil fundada em 1991 permanecendo até o ano de 2000. Atualmente participa de eventos e congressos sobre quadrinhos pelo Brasil.

Quando começou seu envolvimento com quadrinhos?

Em 1958 já tinha em casa as revistas da Disney que eram semanais e chegavam a minha casa toda quinta-feira trazidas pelo meu pai. Em 1960 já na escola primária lia todas as revistas e as colecionava. Com um pouco mais de idade um vizinho, pouca coisa mais velho, passeava com uma sacola de feira lotada de gibis e trocava com a garotada na base de duas por uma. Posteriormente vim a conhecer um sebo na Pompéia próximo as Perdizes onde morava e comecei a comprar revistas velhas. Paralelamente nas férias que passava na casa de meu primo em São Caetano ele comprava os gibis de super-heróis e passava as férias lendo esses gibis. Em casa por volta de 1961 em diante também vinham as publicações infantis da editora Cruzeiro e pequenas editoras Brasileiras.

Como está a procura e visitação às Gibitecas nos dias de hoje?

Faz já algum tempo que não frequento Gibitecas, porém percebo que o movimento continua bastante tranquilo.

Qual o perfil dos usuários de uma Gibiteca?

No tempo em que estive à frente da Gibiteca até o começo da década de 2000 e até um pouco mais para frente, o público era bastante heterogêneo com pessoas de mais idade

procurando o material mais antigo e material novo e vai indo até chegarem às crianças procurando material infantil de boa qualidade. Por conta de eventos mais recentes de quadrinhos não necessariamente de Gibiteca o público é bastante heterogêneo ainda.

Você percebe alguma mudança de comportamento dos usuários com em relação a influência das mídias digitais?

Evidentemente com o advento da mídia digital, ou seja, internet, temos um público novo, mas que ainda tem interesse no material em papel não saberia dizer a quantidade de público das duas mídias, mas acredito que vamos ter algumas diferenças no público do futuro.

No seu ponto de vista há uma resistência contra os quadrinhos nos tempos atuais?

Sempre houve certa resistência no quadrinho, e uma consideração de que quadrinhos são materiais para crianças. Porém hoje em dia se percebe nitidamente pela produção de quadrinhos no Brasil e no mundo que você tem públicos específicos para cada área de conhecimento, e que a produção para cada área dessas em quadrinhos têm qualidade e as pessoas procuram.

Como você vê o uso de quadrinhos na sala de aula como início de um estudo entre professor e aluno?

Eu vejo como mais uma forma de utilização do quadrinho na ajuda ao professor para o contato com o aluno.

Existe algum registro de professores pela procura de tal material para uso em sala de aula? Se sim, que tipo de material eles buscam?

Por estar fora de Gibitecas há mais de 20 anos fica difícil saber o que os professores procuram para ajudá-los nas suas aulas. Acredito que sejam materiais falando de outros assuntos principalmente na área de literatura que tem um volume bastante grande de material na linguagem dos quadrinhos.

Qual o futuro dos quadrinhos no século XXI?

Acredito que existe um futuro para os quadrinhos, mas ele não vai mais acontecer de forma seriada, como nós conhecemos há quarenta e cinquenta anos atrás. Antes você corria para a Banca de Jornal para comprar um material. Isso não vai mais existir. Irão ser outros formatos, provavelmente as pessoas estarão ainda fazendo as revistas por conta própria, a internet será uma forma de veicular esse material. A compra e venda será toda pela internet. Não será mais cara a cara. Então terá que ter mais opções de lançamentos, eventos, para que as pessoas possam ter contato e poder vender e manipular o material porque às vezes você compra pela internet, mas você não pode manusear, folhear e dizer “gostei”, “levo” ou “não gostei”! Só é possível ao vivo e a cores! Futuro? Existe! – Vai continuar existindo quadrinhos e por muito tempo! E o papel? – Ainda por muito tempo. Nós não vamos ver esse momento de não ter em papel!

Entrevista com: Adriano José Marangoni

Realizada por e-mail em 06 de janeiro de 2019.

Doutor em História pela PUC-SP. Diretor do Grupo de Cooperação Técnica e Pesquisa (GCTEC) da Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Professores do Estado de São Paulo (EFAP), órgão central da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Durante o doutorado, com bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da CAPES, foi fellow do Center for Latin American and Latino Studies (CLALS) da American University em Washington, D.C.. Pela PUC-SP titulou-se mestre em História Social (2006) com bolsa da CAPES, licenciatura (2005) e bacharel em História (2003). Pesquisador do Núcleo de Estudos de Política, História e Cultura (POLITHICULT), redator da revista Cadus e do coletivo Quadrinheiros. Tem experiência na área de História Contemporânea da América, relações políticas e culturais entre Brasil e Estados Unidos, com ênfase em História Moderna e Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: Guerra Fria, relações internacionais, identidade nacional, cultura, americanismo, memória e narrativa, política, relações culturais entre Brasil e Estados Unidos.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/6009651120791076>

Como o senhor avalia o uso de histórias em quadrinhos dentro das instituições de ensino?

Acredito que as HQ, ao lado do cinema, da literatura, da música, da pintura, são recursos absolutamente valiosos nas instituições de ensino. As ressalvas, sejam elas quais forem, estão na forma como são utilizadas, quais são os objetivos de aprendizagem, do segmento de ensino, público-alvo. Há inúmeras variáveis que vão definir a seleção de quais HQs podem ser utilizadas e de que forma. Mas acredito que elas têm um potencial maior de atração, tanto para alunos quanto para os docentes, do que a utilização de um material exclusivamente teórico sobre um determinado item de aprendizagem. Por exemplo, você pode apresentar uma série de nuances políticas sobre o isolacionismo dos Estados Unidos no começo da 2ª Guerra Mundial a partir da leitura comentada dos discursos congressionais entre 1939 e 1941 ou você pode mostrar a capa do 1º número do Capitão América, onde dá um soco na cara de Adolf Hitler, isso em março de 1941, ou seja, 10 meses antes do ataque à Pearl Harbour e a entrada dos EUA na 2ª Guerra. Os dois recursos são essenciais, mas a compreensão do significado histórico de cada um fica mais claro quando contrapostos um ao outro.

Na sua opinião eles atingem os objetivos propostos como recurso didático-pedagógico?

Depende muito de qual é esse objetivo didático-pedagógico, do curso, do público-alvo. Como historiador, carrego a obrigação abordar qualquer texto ou imagem produzidos em uma determinada época como fonte, e não mera “ilustração”. Com as HQs não é diferente. Cada uma traz uma temporalidade, uma “residência” no tempo que precisa ser respeitada, evidenciada, contextualizada, criticada. O Fantasma, personagem clássico da década de 30, muito já foi acusado de “imperialismo”, como se ele fosse a expressão de uma “eugenia” racista. No entanto, outras obras da mesma época traziam traços semelhantes, de forma mais ou menos intencional conforme seus autores. As adaptações para os quadrinhos das aventuras do Tarzan por Hal Foster, ou então as aventuras do TimTim, de Hergé, contemporâneas daquelas produzidas por Lee Falk (criador do Fantasma), poderiam sofrer as mesmas acusações. Eram eles racistas? Defensores do imperialismo? Cabe ao aluno questionar, ler, contextualizar e responder por conta própria.

Em quais disciplinas, o senhor considera o uso das histórias em quadrinhos mais apropriadas e por qual motivo?

Minha experiência no magistério é na História, então é difícil responder como outras áreas podem usar as HQs de forma mais apropriada. Na História Contemporânea, minha área de concentração, que vai do século 19 até o 21, os quadrinhos são o recurso mais rico e com maior potencial de abordagens, até mais que o cinema. Grande parte porque existem quadrinhos sobre praticamente todo item curricular que as instituições de ensino trazem nos cursos. Minhas investidas em outras áreas, como Comunicação ou Jornalismo, acabam puxando mais para os aspectos narrativos das HQs, estruturas de roteiro, marcos de comercialização, transformações nas formas de produção gráfica, que são temas que eu visito, mas que acabo aprendendo junto com os alunos.

Através de sua experiência profissional, quais as dificuldades que percebe nos educadores em trabalhar com tal material?

Difícil dizer. A minha dificuldade, com frequência, é encontrar aquele quadrinho, seja uma revista ou uma série, que atenda perfeitamente ao meu objetivo de ensino e que ao mesmo tempo seja acessível ou familiar para os alunos. Muitas vezes, quando são bem jovens, eles desconhecem o personagem, e sou obrigado a achar outra fonte documental que provoca menos indagações ou até deslumbramento por parte deles. Já outro obstáculo é quando eles conhecem alguma coisa sobre o evento que ensino, mas não conseguem se desvencilhar da referência que já têm a partir dos quadrinhos ou sua adaptação para o cinema. É o caso dos 300 de Esparta e a adaptação do Frank Miller. O quadrinho pode ser um ponto inicial, mas exige bastante esforço ir além dele.

O senhor considera o uso de histórias em quadrinhos como fator estimulante para o processo de ensino aprendizagem?

Sem dúvida. Mas ao mesmo tempo é bastante “arriscado”. As HQs nasceram entre a crítica, o escapismo e o entretenimento. Sem uma intenção bastante clara do que se quer ensinar, é fácil encerrar a aula sob o efeito inebriante que os quadrinhos foram criados para ter, é um equilíbrio delicado. Mas com a prática (e muitos erros), você – docente – e o aluno passam a ficar atentos a observar as nuances implícitas que não só existem nos quadrinhos, mas em todo texto, todo discurso, toda imagem. É uma forma bastante rica de se aprender a olhar o mundo.

Entrevista com: Bruno Leonardo Ramos Andreotti**Realizada por e-mail em 08 de janeiro de 2019.**

Possui graduação em História pela PUC-SP (2003), graduação em Licenciatura pela PUC-SP (2004) e mestrado em Ciências Sociais pela PUC-SP (2008). Professor de História da Rede Estadual e Particular de ensino desde 2005, atualmente atuando como gestor na Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Professores (EFAP), que integra a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, atuando no planejamento, organização e implementação de ações de formação de cursos presenciais ou a distância. Tem experiência na área de História, Ciência Política, Sociologia e Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: resistências, movimentos antiglobalização, multidão, reformas democráticas, império e imperialismo, cultura pop, indústria cultural, cultura de massa e quadrinhos. Coautor dos livros *Os Dois Lados da Guerra Civil* (Criativo, 2016) e *Quadrinhos Através da História* (Criativo, 2017).

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/9722451189779764>

Como o senhor avalia o uso de histórias em quadrinhos dentro das instituições de ensino?

De maneira geral o uso de histórias em quadrinhos em instituições de ensino, especialmente na Educação Básica vem aumentando. Há um crescente interesse dos docentes em utilizar essa linguagem em suas aulas e também a pesquisa sobre o uso didático de histórias em quadrinhos vem aumentando. Atestam esse interesse o número expressivo de inscritos no curso *Quadrinhos em Sala de Aula*, cerca de 70.000. É também importante lembrar que entre as 10 Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estão a competência 3 que visa a ampliação do repertório cultural para fruir e participar de práticas diversificadas da produção artística-cultural e sua valorização, bem como a competência 4, Comunicação, que prevê a utilização de diferentes linguagens para expressar, partilhar informações e experiências para produção de sentido e entendimento mútuo. Essas competências dialogam diretamente com o potencial das histórias em quadrinhos em sala de aula.

Na sua opinião eles atingem os objetivos propostos como recurso didático-pedagógico?

Dependem de quais são esses objetivos. No caso das competências 3 e 4 da BNCC, comentadas acima, o uso dos quadrinhos atingiriam certamente os objetivos. Porém, antes de

utilizar quadrinhos como recurso, é necessário que o professor reflita se seus objetivos serão melhor atingidos por meio das histórias em quadrinhos ou não. Não são todos os objetivos de aprendizagem que serão melhor alcançados por meio dos quadrinhos.

Em quais disciplinas, o senhor considera o uso das histórias em quadrinhos mais apropriadas e por qual motivo?

Não penso que exista uma disciplina mais ou menos apropriada para o uso de histórias em quadrinhos. Tudo vai depender dos objetivos de aprendizagem.

Através de sua experiência profissional, quais as dificuldades que percebe nos educadores em trabalhar com tal material?

Acho que a maior dificuldade dos educadores é a falta de familiaridade com esse tipo de linguagem. Infelizmente ainda temos uma parcela de educadores que tendem a ver os quadrinhos como algo menor frente à Literatura, por exemplo. Não é raro que recomendem adaptações em quadrinhos de obras clássicas como “porta de entrada”. O que está subjacente à essa concepção é a dificuldade em entender os quadrinhos como uma linguagem e forma de arte própria.

O senhor considera o uso de histórias em quadrinhos como fator estimulante para o processo de ensino aprendizagem?

Sem dúvida. Essa é uma linguagem muito familiar e querido à crianças e adolescentes. Em uma pesquisa realizada com estudantes da Rede Pública Estadual de São Paulo, em 2014, as histórias em quadrinhos figuraram como o gênero literário preferido. Penso que isso revela que as chances de que os alunos tenham um maior engajamento em uma situação de aprendizagem que utilizem histórias em quadrinhos sejam maiores, sendo um importante fator estimulante do processo de ensino aprendizagem.

Fonte da pesquisa citada: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,quadrinhos-e-o-estilo-de-leitura-preferido-de-45-dos-alunos-da-rede-estadual-de-sp,1114325>

Entrevista com: Victor Callari.**Realizada por e-mail em 15 de janeiro de 2019.**

Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Possui mestrado em História e Historiografia pela Universidade Federal de São Paulo (2016), na linha de pesquisa Política, Cultura e Saberes. É especialista em "História, Sociedade e Cultura" (2010) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Licenciatura em História (2007) pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas. Na docência possui experiência na Coordenação do Curso de História, 8 anos de experiência no Ensino Superior, lecionando nos cursos de História, Pedagogia e Serviço Social, além de 10 anos de experiência na educação básica, atuando com turmas de ensino fundamental II, ensino médio, e pré-vestibular. Possui ampla experiência com pesquisas nas áreas de História Contemporânea, História do Brasil, Teoria da História, fontes e linguagens como Histórias em Quadrinhos, Cinema, Iconografia e Arte.

endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0948006239024757>

Como o senhor avalia o uso de histórias em quadrinhos dentro das instituições de ensino?

A relação das instituições de ensino com as histórias em quadrinhos mudou bastante nos últimos anos, inclusive acompanhando o crescente prestígio tanto social quanto acadêmico que as HQs passaram a desfrutar. Nas últimas décadas, a presença das histórias em quadrinhos em propostas como PNBE permitiu que elas passassem a frequentar as salas de aula com maior frequência. Contudo, nem todos os profissionais estão preparados para utilizar as HQs como ferramentas didáticas, o que significa que por mais que seu uso tenha crescido de forma expressiva, quase sempre ele está restrito à ilustração, ou ainda a exemplificação de figuras de linguagem ou formas de escrita, desconsiderando todo o potencial que a narrativa construída entre texto e imagem pode ofertar.

Na sua opinião eles atingem os objetivos propostos como recurso didático-pedagógico?

Essa é uma pergunta muito difícil de responder, uma vez que para isso cada docente estabelece seus próprios objetivos. O que é possível afirmar sem chance de errar é que o potencial da linguagem dos quadrinhos ainda não é explorado em sua totalidade, uma vez que ainda são poucos os professores preparados para utilizar as HQs.

Em quais disciplinas, o senhor considera o uso das histórias em quadrinhos mais apropriadas e por qual motivo?

Se levarmos em consideração o ENEM e outros importantes vestibulares do país como parâmetro, podemos constatar que sua principal utilização está nas aulas de gramática, mas outras áreas como História e Geografia também costumam fazer uso das HQs. Em um artigo publicado pela UnB, apresentei dados de que existem pesquisas acadêmicas em áreas tão diferentes quanto: Pedagogia e Medicina. Dessa forma, o que posso concluir, é que o uso adequado das histórias em quadrinhos depende muito mais do conhecimento do docente e de seus objetivos.

Através de sua experiência profissional, quais as dificuldades que percebe nos educadores em trabalhar com tal material?

A principal dificuldade reside no desconhecimento. O primeiro deles é um desconhecimento do que são as histórias em quadrinhos para além dos gêneros dos super-heróis ou da turma da Mônica, apenas para focar nos mais tradicionais. O segundo problema reside no desconhecimento da linguagem, do entendimento do papel que a “sarjeta” possui na leitura, como o tamanho ou a disposição dos quadros afeta o leitor, dos diferentes estilos dos artistas, o que contribui para seu uso pontual.

O senhor considera o uso de histórias em quadrinhos como fator estimulante para o processo de ensino aprendizagem?

Considero, contudo é importante tomar cuidado com algumas ideias que circulam e afirmam que os quadrinhos seriam uma “porta de entrada” para a leitura. Essa afirmação é equivocada por estabelecer uma espécie de hierarquia, entre o que deve ser lido, como se ler quadrinhos fosse menos importante do que ler Machado de Assis. E o segundo equívoco é de achar que um jovem começa a ler quadrinhos e depois passa a ser um leitor de obras literárias. Existem pesquisas que apontam exatamente o contrário. O mais provável é que um jovem ao começar a ler quadrinhos se mantenha um leitor de quadrinhos durante toda sua vida.